

SILVANA MÁRCIA DE MORAES

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida por Silvana Márcia de Moraes e aprovada pela Comissão Julgadora.

Campinas, 19 de Novembro de 1996

J.R. Guimarães

**SEXUALIDADE, FAMÍLIA E TRABALHO: OUVINDO UM GRUPO DE
FUNCIONÁRIAS DA UNICAMP.**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

1996

| | | | |
|--------------|--------------------------|---|-------------------------------------|
| UNIDADE | BC | | |
| N.º CHAMADA: | | | |
| T | unicamp | | |
| M | 827s | | |
| V. | Ex. | | |
| TOMBO BC/ | 29409 | | |
| PROC. | 281197 | | |
| C | <input type="checkbox"/> | D | <input checked="" type="checkbox"/> |
| PREÇO | 8,411,00 | | |
| DATA | 15/06/97 | | |
| N.º CPD | | | |

CM-0009666-3

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

M827s

Moraes, Silvana Márcia

Sexualidade, família e trabalho : ouvindo um grupo de funcionárias da UNICAMP / Silvana Márcia Moraes. -- Campinas, SP : [s.n.], 1996.

Orientador : Isaura Rocha Figueiredo Guimarães.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Sexualidade. 2. Família. 3. Formação profissional. I. Guimarães, Isaura Rocha Figueiredo. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. IV. Título.

Comissão Julgadora;

- IRF Guimarães
- ~~Pimenta~~
- ~~Paulo~~

Dissertação de Mestrado apresentada
à Faculdade de Educação da Universi-
dade Estadual de Campinas.

Área de Concentração: Psicologia da
Educação, sob a orientação da Profª Drª

Isaura R. F. Guimarães.

Aos meus pais, Euthales e Élica, e às minhas filhas Júlia, Flora e Ana, pela compreensão e paciência.

Ao Paulo, pelo carinho e dedicação em todas as etapas de elaboração deste trabalho.

Às mães-funcionárias, pela possibilidade que me deram de realizar este trabalho.

À Prof^a Isaura Rocha Figueiredo Guimarães, pela preciosa orientação.

Aos colegas do Grupo de Estudo Interdisciplinar em Sexualidade Humana da Faculdade de Educação da UNICAMP, e em especial à Soninha, à Malu e ao Cláudio, companheiros de jornadas semanais.

Aos amigos Eliane e Louis, à Odana, à Adriana, à Marise e a Julie, cujo apoio, sugestões e críticas foram fundamentais.

À Ruth, à Augusta, à Denise Amaral e à Anita, pela grande ajuda nas etapas deste trabalho.

INDICE

RESUMO

SUMMARY

| | |
|--|----|
| I - INTRODUÇÃO A UM PROBLEMA..... | 09 |
| II - A CONSTRUÇÃO DO FEMININO NO COTIDIANO DA INSTITUIÇÃO..... | 18 |
| 2.1 - A Identidade e o Cotidiano como parâmetros da Representação da Realidade..... | 18 |
| 2.2 - Conflitos da Descontinuidade Socializatória no despertar para uma nova feminilidade..... | 24 |
| III - CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA..... | 32 |
| IV - DE QUE MULHER ESTAMOS FALANDO..... | 38 |
| V - CATEGORIAS DE ANÁLISE DO PROBLEMA..... | 48 |
| 5.1 - Trabalho, Casamento e Família: Encontros e Desencontros..... | 48 |
| 5.2 - Mulher e Filhas: A Responsabilidade do Futuro Feminino..... | 58 |
| 5.3 - Um Novo Modelo Familiar: a Mãe/pai e os Filhos..... | 66 |
| 5.4 - Conversando sobre o Desenvolvimento da Sexualidade..... | 72 |
| VI - O PERFIL DA MULHER HOJE : UMA IDEOLOGIA EM TRANSIÇÃO..... | 85 |
| VII - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 89 |
| VIII - ANEXOS - MODELO DO ROTEIRO DA ENTREVISTA | |
| SEMI-ESTRUTURADA | 95 |

" O GRANDE DESEJO "

Adélia Prado - 1976 (Bagagem)

*Não sou matrona, mãe dos Gracos, Cornélia,
sou é mulher do povo, mães de filhos, Adélia.*

Faço comida e como.

*Aos domingos bato o osso no prato para chamar o cachorro
e atiro os restos.*

*Quando dói, grito ai,
quando é bom, fico bruta
as sensibilidades sem governo.*

*Mas tenho meus prantos,
clareza atrás do meu estômago humilde
e fortíssima voz para cânticos de festa.*

*Quando escrever o livro com meu nome
e o nome que vou pôr nele, vou com ele a uma igreja,
a uma lápide, a um descampado,
para chorar, chorar, orar,
requintada e esquisita como uma dama.*

RESUMO

Este trabalho foi realizado junto a um grupo de funcionárias da Universidade Estadual de Campinas, com o objetivo de estudar a influência do ambiente profissional na construção da identidade feminina, procurando-se dar atenção ao modelo de papel sexual, que estas mulheres transmitem para suas filhas adolescentes.

Aspectos diversos do desenvolvimento da identidade feminina foram enfocados, através da análise de conteúdo de entrevistas com funcionárias, que são mães e têm os filhos freqüentando os meios educacionais do campus.

Os indicadores para o estudo foram: - a relação desse grupo de mulheres com o ambiente de trabalho da Universidade;

- os problemas encontrados ao construir o duplo papel de mãe e profissional;

- os conceitos sobre sexualidade usados na educação de sua filha adolescente.

Foi utilizada a metodologia qualitativa descritiva, concretizada através de entrevistas semi-estruturadas aplicadas a um grupo de 20 mulheres, das quais 7 foram selecionadas, para uma segunda entrevista de aprofundamento. O grupo apresentou semelhança em características básicas, como: idade acima de 30 anos; nível de escolaridade até 2º grau; renda familiar de até cinco salários mínimos; uso dos Serviços Educativos (creche, pré-escola, serviço de apoio e primeiro grau) da UNICAMP há pelo menos 8 anos; filhas na adolescência.

Notou-se que, em decorrência das consideráveis mudanças ocorridas no cotidiano a partir do ingresso no ambiente profissional universitário, o processo de construção de identidade dessas mulheres sofre sensíveis transformações, que se caracterizam por avanços e ambigüidades. A vivência de situações novas e a possibilidade de receber mais informações pela intensificação da interação social alargam os horizontes anteriores sobre o papel feminino da mãe-funcionária. Esta vivência e reflete-se diretamente na família e revela certa ambigüidade na orientação e modelo de papel sexual que ela transmite na educação de suas filhas.

SUMMARY

This work was done with a group of female workers of Campinas State University (UNICAMP), with purpose of studying the influence of the working environment on the construction of the female identity, through the understanding of the woman's role, that these women transmit to their daughters during adolescence.

Different aspects of the female identity were focused through the analysis of the content of the interviews made with the female workers who got children attending the educational services of the campus. The indicators used for this study were:

- The relationship of this group of women with their working environment at the University;
- Problems found when constructing their double role as mothers and professionals;
- The concepts of sexuality used in the bringing up of her teenager daughters.

Qualitative descriptive methodology was used through semi structured interviews with a group of 20 women, from which were selected for a second interview 7 with the following characteristics: age over 30, graduated from high-school, use of Educational Services (nursery, pre school, supporting services and primary school) at UNICAMP, teenager daughters, family income up to 5 minimum wages

We concluded that, as result of the considerable changes that took place in there women's every day life, after their entrance in the University professional environment, their process of identity construction suffers noticeable changing which are characterized by progress and ambiguities.

The experiencing of new situations, the possibility of receiving more information through the intensification of their social interaction broadens their horizons about the feminine role, the mother-worker. This experiencing is reflected directly in their family and reveals a certain ambiguity in the orientation and the pattern of the sexual role she passes when bringing up their daughters.

I - INTRODUÇÃO A UM PROBLEMA

A sexualidade, fator de grande importância no desenvolvimento humano, é tema cada vez mais discutido na sociedade, mas ainda encontra resistência nos meios acadêmicos, o que se evidencia na carência de reflexões teóricas a respeito.

A busca de maior conhecimento sobre a sexualidade feminina revela a nossa preocupação com o sujeito-mulher tanto no seu presente imediato, como no papel que desempenha no contexto familiar e profissional.

O desafio de compreender as delimitações entre as funções da instituição e as funções da família no processo educacional começou através dos contatos com as crianças e suas mães no trabalho de Orientação Educacional junto aos Serviços Educativos oferecidos aos filhos dos funcionários da Universidade.

Ao adentrarmos no cotidiano dessas famílias, surgiram questionamentos sobre a formação do processo de construção de identidade das mães funcionárias, mulheres que trabalham há muitos anos na Universidade, e cujos filhos permaneceram aos cuidados da instituição, desde a época de creche.

Os programas educativos oferecidos pela UNICAMP eram: creche, pré-escola, 1º grau e serviço de apoio à escolaridade. O apoio educacional aos filhos dos funcionários é coordenado por equipes de diretores e psicopedagogas, que procuram promover o desenvolvimento da criança e dar continuidade ao processo escolar. Também são oferecidas às mães orientação e informação para

a educação de seus filhos, visando ao bom desenvolvimento intelectual, físico e moral das crianças que ali obtêm sua primeira formação.

Embora tivéssemos contato com as creches no início de carreira, o interesse específico pelas questões da sexualidade se deu em razão de alguns programas sobre Adolescência e Sexualidade, desenvolvidos para alunos e pais de 4ª e 5ª séries, na escola de 1º grau da UNICAMP.

A partir daí, sentimos a necessidade de aprofundar os nossos conhecimentos, o que buscamos no programa de mestrado, procurando relacionar os estudos teóricos à prática vivenciada, visando tanto a atender melhor a clientela, como a contribuir com o aprofundamento da reflexão teórica nesta área de educação sexual.

No contato com as mães-funcionárias, através do relato de seus problemas situacionais, surgiram indagações sobre sua identidade, a saber: Como, nas situações do cotidiano, essas mulheres se dividem entre os dois mundos, o profissional, do trabalho e o mundo familiar, doméstico? Como elas se vêem dentro dos vários papéis que assumem: trabalhadora, esposa e mãe? Como começaram a se identificar como mulher e como estão vendo acontecer essa vivência nas filhas? Em que medida têm consciência de sua identidade feminina e de seu papel de transmissoras das próprias posturas às filhas?

O primeiro ponto a ser desvendado era a figura da mulher-mãe e as mudanças ocorridas com ela ao começar a trabalhar na Universidade e ao utilizar os serviços educativos para os seus filhos. Tínhamos ainda mais questões: será

que ao deixarem seus filhos nas creches elas se viam desobrigadas da função de mãe? Uma vez que, durante o dia, os cuidados prestados aos seus filhos as tranquilizavam, será que isso lhes permitia se sentirem estritamente profissionais ?

O nosso objetivo era o de pesquisar as mudanças que poderiam ter ocorrido na identidade delas, pelo fato de estarem freqüentando o circuito universitário, o que dava *status*, e também pelas oportunidades de expressar seu potencial em um trabalho reconhecido. Uma última indagação seria: Passando a ter uma vida "produtiva", estariam elas se sentindo mais capazes?

Não desconhecendo o fato de que há uma infinita diversidade de ambientes de trabalho dentro da Universidade e que esses ambientes podem exercer influências distintas, achávamos que alguma mudança poderia ser demarcada naquele grupo de mães, com características comuns a serem percebidas, a partir do ingresso no mundo profissional. Para isso, foi suficiente reconhecer que o ambiente de trabalho, independente da área ou do departamento, trazia a oportunidade de novas amizades, de novos e diferentes contatos e, portanto, de idéias novas, que, ao serem introduzidas no seu contexto familiar, ampliavam o mundo doméstico anterior, onde a sexualidade ficava relegada ao papel de acasalamento e procriação. Acreditávamos que a nova situação remetia a mulher para questões mais amplas do que as que elas poderiam ter conhecido anteriormente.

As possibilidades de aprofundar o conhecimento sobre a mulher são maiores quando se conjugam os estudos de diversas áreas científicas como a

antropologia, a sociologia e a psicologia, considerando-se o problema em diferentes vertentes de investigação. Podemos abordar o tema feminino enquanto questão que trata a mulher a partir da família ou levantar questões que visam às condições econômicas determinantes da classe social. Também podemos analisar a mulher levantando questões que investigam as relações de dominação e poder entre os sexos ou ainda as relações que cuidam da esfera das representações das emoções e do afetivo.

Este estudo busca uma análise psicossocial dos relatos espontâneos das pesquisadas, na tentativa de traçar o perfil do grupo estudado, para poder observar o nível de influência da sua inserção no mundo do trabalho em uma instituição.

A sexualidade é um assunto muito denso e abrangente, sendo necessário um recorte em seu todo para a análise. Este estudo enfocou o momento de vida em que estas mulheres estão com suas filhas na adolescência, captando as influências do ambiente de trabalho sobre elas e suas famílias.

Levando-se em consideração a idéia de que a identidade de um indivíduo nunca se cristaliza, nunca está "acabada", e considerando também a influência da passagem do ambiente doméstico para o ambiente de trabalho remunerado sistêmico, quisemos esclarecer, como sua própria identidade, num determinado momento de vida destas mulheres se reconstrói e também como essa reconstrução aparece no modo de transmitir feminilidade para as filhas.

Algumas questões se evidenciaram como pontos centrais de nosso questionamento e partimos em busca de respostas:

1. Como se caracteriza a identidade desse grupo de mulheres no ambiente de trabalho da Universidade?

2. Como elas lidam com os problemas encontrados no momento de construir / vivenciar o duplo papel de mãe e profissional e quais as dificuldades que encontram nesse processo?

3. Em que medida propagam um modelo de mulher e uma postura de sexualidade para as filhas adolescentes e quais são os caminhos utilizados para isso?

Na escolha das pesquisadas foram priorizadas aquelas mães que, a partir da entrada na Universidade tiveram suas crianças assistidas pela creche desde sua primeira infância até adolescência, justamente o momento que mais nos interessava conhecer já que acreditamos que as mulheres são levadas a reconstruir a sua própria sexualidade juntamente com as filhas, quando necessitam participar de seus questionamentos. O período de oito a dez anos de permanência na instituição foi outro critério exigido pelo estudo, para se verificar se havia transformações na construção da identidade dessas mulheres e como seus perfis mudaram em razão do discurso transformador do ambiente profissional.

Assim, chegamos a um primeiro grupo de 20 mulheres, que tinham filhas iniciando a adolescência, com as quais fizemos um contato inicial. Depois, selecionamos 7 para as entrevistas; aquelas que reuniam os pré-requisitos desejados. As demais foram objeto apenas de triagem e não puderam ser

aproveitadas ou porque só tinham filhos homens ou porque não contavam tempo suficiente de convívio no ambiente universitário.

O grupo selecionado reunia características comuns, como: idade acima de 30 anos, nível de escolaridade até 2º grau, uso dos serviços educativos da UNICAMP há pelo menos oito anos; todas com filhas entrando na adolescência e renda familiar até cinco salários mínimos. São mulheres que sustentam sozinhas suas famílias, na maioria das vezes constituídas apenas de mãe e filhos.

O perfil detalhado de cada uma das entrevistadas, que se encontra no terceiro capítulo, aponta que algumas são mães-solteiras, que outras se casaram e se separaram, ou estão viúvas – todas, portanto, tiveram um relacionamento a partir do qual surgiram filhos, cuja responsabilidade de educação coube a elas e, por circunstâncias distintas, mantiveram o controle absoluto da família. O grupo entrevistado também registra como característica comum o fato de que o sustento e a manutenção familiar estão exclusivamente por conta dessas mães, que não possuem vínculos de dependência com terceiros nem com qualquer outra fonte de renda para sobreviver, a não ser o emprego na UNICAMP.

O grupo é constituído de mulheres com baixa renda, que contam só com o salário mensal para as despesas de manutenção e que utilizam todos os serviços prestados pela Universidade, como: serviço dentário, hospitalar, educativo, bancário e de sindicato.

As entrevistadas são mulheres cujas famílias se originaram de grupos desprivilegiados e que, portanto, estavam habituadas ao trabalho desde a

infância porém, em um ambiente pequeno, sempre desempenhando as funções domésticas e convivendo com as pessoas da família, que para elas se resumem àquelas que habitam a sua casa. Constituiu-se, assim, novidade a experiência do trabalho na Universidade, por conta do qual passaram a executar outras atividades, em ambiente profissional amplo e tecnicamente estruturado e a conviver com pessoas “estranhas”, isto é, que não pertencem ao seu ciclo familiar de parentesco.

No cotidiano narrado pelas entrevistadas, fomos buscar como as mulheres se transformaram, como perceberam as mudanças e se estas foram conscientemente assimiladas. O discurso transformador do ambiente universitário, onde elas interagem no seu dia-a-dia, denuncia os preconceitos e as discriminações da vida da mulher tradicional, passiva e dependente, os quais ela até reproduz, embora os questione.

Tentamos compreender, ainda, como foi, para ela, a experiência de tornar-se mulher e como ela se percebia no papel feminino. Também buscamos investigar se realmente questiona esse papel e o reconstrói no início da adolescência das filhas.

Como as pesquisadas foram educadas de acordo com os padrões tradicionais embasados na submissão feminina, elas passaram a enfrentar a dupla jornada de trabalho sem muitas críticas. Aliás, estão habituadas a encarar as tarefas domésticas não como “trabalho”, que é assim denominado por elas somente quando se trata de “trabalhar fora”. Apesar da baixa remuneração, elas

estão bastante satisfeitas com um trabalho que lhes oferece uma ascensão socioeconômica gratificante o bastante diante da dedicação às funções que desempenham na Universidade, e não costumam lamentar por terem também que assumir os encargos familiares sozinhas.

Também se observa que as responsabilidades com os filhos sempre são assumidas por elas, caso a união com o parceiro seja desfeita. Como são poucos os casamentos e separações formais, as questões como custódia e pensão alimentícia se tornam irrelevantes nesses modelos de família das mulheres-funcionárias. Fica implícito que, deixando a casa por qualquer razão – a forma mais habitual de se romper o relacionamento –, o homem se isenta também da responsabilidade pelo sustento dos filhos, ficando esta a cargo da mulher, possa ela ou não arcar com a tarefa que se lhe impõe dali por diante. Interessante destacar ainda que, anteriormente ao desfecho do vínculo conjugal, a responsabilidade do homem já era bastante duvidosa na prática – em geral, ele não tinha emprego fixo, e sua autoridade, assumida enquanto permanecia dentro da casa, é facilmente substituída na sua ausência. Isto nos leva a um novo tipo de núcleo familiar, composto por mãe e filhos apenas, sem a presença do pai ou substituto.

A mulher, por um lado, dá mostras de se interessar por relacionar-se com um homem “que a respeite”, e por outro, não faz mais questão de uma união formal, sacramentada ou legalizada, por medo de perder a independência.

A união formal é claramente associada a uma subordinação ao marido e o matrimônio enfatiza ainda mais essa subordinação.

Quanto ao relacionamento com os filhos e, em particular, com as filhas, acontece na intimidade do âmbito familiar uma política de poder, com jogos de força e competição. A partir do momento em que os filhos amadurecem, invertem-se os papéis hierárquicos e geralmente a menina, ao se tornar mulher, passa de coadjuvante para o papel de protagonista, ocorrendo um reposicionamento e questionamento em toda a família, alterando-se as suas relações internas e com a sociedade. Na díade mãe-filha, notou-se que a mãe orienta sexualmente a filha de acordo com o que aprendeu em sua história de vida e conforme lições de suas experiências, fruto de vivências amadurecidas.

Podemos afirmar - e as pesquisas sociológicas comprovam - que quanto mais realizada profissionalmente for a mulher, mais estruturada ela se torna para transferir um modelo positivo de autonomia e independência aos filhos, embora ainda esteja descobrindo seu papel como mãe e como mulher em sua família atual, e se encontre intimamente ligada aos ensinamentos tradicionais femininos, próprios de sua formação.

II - A CONSTRUÇÃO DO FEMININO NO COTIDIANO DA INSTITUIÇÃO

2.1 - A identidade e o cotidiano como parâmetros da representação da realidade.

A identidade é uma construção discursiva que transcende as particularidades dos indivíduos e dos grupos restritos, colocando-os num projeto globalizante e totalizador, de acordo com os anseios e mitos de uma sociedade, em um tempo determinado. Isto porque a cultura, enquanto fenômeno da linguagem, é sempre passível de interpretação e são os interesses de uma sociedade que vão definir os diferentes grupos sociais que a compõem.

Para ERIKSON (1968), não existe organismo que requeira maior período de adaptação ao meio ambiente do que o do homem; porque a maturidade do ser humano não depende apenas do processo biológico, mas também da incorporação das influências da sociedade a um psicológico, ou seja, da assimilação, pela personalidade, do processo cultural que o homem criou, o que prolonga consideravelmente o tempo necessário para que o ser humano atinja a vida adulta. Baseando-se em suas observações antropológicas, ERIKSON, originalmente um discípulo de FREUD, começou a formular uma teoria menos "mecanicista" e menos centrada na patologia do que a psicanálise. Apesar de concordar com ele no que tange à teoria de que as primeiras experiências humanas sejam extremamente importantes no processo de desenvolvimento, ele começou a divisar o desenvolvimento da identidade como um processo dinâmico

e contínuo de busca de autonomia individual pelo sujeito, processo este que começaria quando o indivíduo nasce, mas que permaneceria em modificações até sua morte. Para ele, a formação da identidade constitui um conjunto bastante complexo de relação entre os diversos estágios do desenvolvimento humano.

“A contribuição de ERIKSON pode ser importante ao educador sexual, pois, ao ampliar os conceitos psicanalíticos, ele toma o processo identificatório como núcleo central da personalidade. A base de tal processo seria o desejo de autonomia, que a criança conquista através do processo de “dar e receber” emocionalmente com os outros, no social”. (GUIMARÃES, 1995)

As etapas de introdução do ser humano na vida social tendem a tomar um padrão semelhante, não importando a cultura específica a que o indivíduo pertença. No começo da infância, a criança interage principalmente com uns poucos adultos que tomam conta dela; algumas vezes, apenas com sua mãe. À medida que se desenvolve, em parte pelos cuidados que recebe, em parte como resultado de seu amadurecimento, suas possibilidades de interação social se ampliam. Ela consegue interagir com um número cada vez maior de pessoas de diversas idades e funções e seus relacionamentos vão se ampliando progressivamente. Quando o indivíduo atinge a idade adulta, ele assume um lugar na sociedade, que constitui um conjunto de instituições, abrangendo costumes e exigências de vários graus de complexidade. E, segundo ERIKSON, mesmo durante a vida adulta, à medida que o fenômeno biológico vai evoluindo, as relações sociais do indivíduo continuam influenciando em sua identidade, assim

como seu *status* na sociedade continua a se modificar. É o produto desta interação entre o biológico e o social que produz o que chamamos de personalidade humana, em todas as culturas.

"Portanto, pode-se dizer que a identidade se desenvolve de acordo com passos pré-determinados, que tornam o organismo humano apto a se auto-dirigir e estar alerta para interagir com um raio cada vez maior de indivíduos e instituições significativas". (ERIKSON, 1968, p.93)

ERIKSON nos ajuda a compreender como o indivíduo constrói sua identidade. Para ele, cada ser humano tem a capacidade de sentir-se único e semelhante a si mesmo - "o eu e sua mesmice" - de modo consistente ao longo da vida, não importando as modificações físicas e mentais de cada idade; mas ressalva que esse ser humano não pode desenvolver esse sentimento sem fazer parte de uma cultura.

"O sentimento de se possuir uma identidade baseia-se na percepção da uniformidade e continuidade da existência pessoal no tempo e no espaço e na percepção de que os outros reconhecem essa uniformidade e continuidade, que, desde o início da vida, está seguindo com sucesso as diretrizes impostas por sua cultura". (ERIKSON, 1968, p.49)

Uma boa maneira de se estudar a identidade é procurar desvendá-la no cotidiano das mulheres estudadas.

"A vida cotidiana traz importantes revelações(...); não está fora da história, mas no centro do acontecer histórico: é a verdadeira essência da

substância social (...). A estrutura da vida quotidiana tem na organização do trabalho, da vida privada, do lazer e do intercâmbio cultural as suas partes orgânicas, cujas significações e conteúdo são heterogêneos e também hierárquicos. Essa hierarquia não é imutável; ao contrário, modifica-se de acordo com as diferentes estruturas econômicas e sociais, às quais está submetida”.

(AGNES HELLER, 1972, p.129)

A reflexão do cotidiano social das mulheres entrevistadas nos leva a crer que elas não apenas estariam, mas principalmente seriam o centro do seu acontecer histórico, a que HELLER se refere.

As mulheres pesquisadas não apenas são o núcleo central da família como são o centro integrador da rede de parentesco mais ampla.

“A família é uma das categorias que possuem maior significância sociológica, é organizada conforme a projeção dos princípios que regem a vida doméstica. Teoricamente, a família doméstica seria “matrifocal” quando apresenta o “viés” matrilateral, isto é, as mulheres, ou as mães em particular, são os pontos focais do sistema de parentesco”.

Essa “matrifocalidade” pode ser estrutural, cultural, ou de ambos os tipos, como foi sugerido por WOORTMAN (1987).

“Por estruturalismo central, entendemos que a mãe tem algum grau de controle sobre os recursos econômicos da unidade de parentesco e é criticamente envolvida em processos de tomada de decisões relacionados ao

parentesco. O componente estrutural da matrifocalidade relaciona-se ao poder econômico e político dentro do grupo de parentesco". (WOORTMAN, 1987)

As mulheres aqui tratadas são também o centro da cultura doméstica, atribuindo estabilidade e legitimidade ao lar. Mas, anteriormente ao trabalho na Universidade, conviviam com a instabilidade ocupacional e o rendimento inócuo, situação que WOORTMANN (1974) chamou de "marginalidade subjetiva" - ou seja, o sentimento de estar "jogado fora" por não estar incluído no sistema produtivo estável e de nada significar por causa disso. A leitura de WOORTMANN (1987) fundamenta que as mulheres se empenham pela manutenção dos laços de parentesco através de seu papel central na organização doméstica. Para ele, o papel da mulher na rede de parentesco é crucial, pois é em torno dela que se forma o ambiente "lar". O autor estabelece uma diferença ideológica entre "casa", o domínio feminino, e "rua", o domínio masculino.

Na ideologia das pesquisadas, a presença de um marido-pai não é absolutamente necessária à família, tanto do ponto de vista social como moral. A figura do homem pode ser providencial por razões adaptativas de efeito externo, mas, por outro lado, a sua ausência pode ser igualmente conveniente. Nesse modelo familiar é a relação entre a mãe e os filhos o que importa, sendo a ligação materna tão operadora e marcante quanto na família nuclear, onde há o pai e a mãe para educar os filhos.

Nos casos em que a mulher assume a responsabilidade econômica da família, acontecem importantes modificações nas relações de domínio e autoridade familiar, passando a mulher a assumir o papel masculino de "chefe".

A autora de A Família como Espelho assinala que:

"Cumprir o papel masculino de provedor não configura, de fato, um problema para a mulher, acostumada a trabalhar, sobretudo quando tem precisão, o problema está em manter a dimensão de respeito, conferida pela presença masculina". (SARTI, 1996, p.48)

A mãe aparece como controladora do grupo doméstico, enquanto figura central nas estratégias de reprodução familiar e da força do trabalho. Se a comunicação dentro da rede de parentesco revela o papel crucial da mãe, conforme observa WOORTMANN (1987), isto não significa somente centralidade da mulher na família, mas o cumprimento de seu papel de mantenedora da unidade familiar, numa estrutura que não exclui o papel complementar masculino, deslocado para outros homens, que podem ser parentes ou amigos.

2.2 - Conflitos da descontinuidade socializatória no despertar para uma nova feminilidade.

A maior demanda socializante da mulher quando inicia uma “carreira profissional”, corresponde à mudança de lugar no contexto social, movendo-se do ambiente familiar “casa ou lar”, como dependente, e deslocar-se para o ambiente “fora de casa ou rua” onde é capaz de se auto sustentar e ser independente economicamente.

Ela deixa de ser somente a figura que atendeu às necessidades biológicas e emocionais da família até agora, para passar a ser também o agente socializador familiar mais forte.

Para cumprir com essa nova organização de seu cotidiano, onde a ideologia social requer que ela passe pelos papéis de homem e mulher, essas mulheres precisaram fazer uma reconstrução interna de toda sua experiência como filha, como mãe, esposa ou companheira, e ainda como profissionais.

Para melhor explicar o fenômeno, podemos correlacionar os vários papéis internalizados pela mulher aos conceitos de socialização primária e socialização secundária, de BERGER e LUCKMANN (1978).

Para eles, socialização primária – é a que ocorre na infância, e na qual o sujeito não escolhe os seus socializadores (...) – não permite a escolha do pai e da mãe, nem a família maior. Acredita-se que esta seja a etapa de socialização mais resistente e profunda, pois é norteadora da personalidade e identidade da criança.

"No sentido geral, a socialização primária constitui a base primeira da compreensão de nós mesmos e, em segundo lugar, da apreensão do mundo como realidade social dotada de sentido". (BERGER e LUCKMANN 1978, p.174)

Na socialização primária o sujeito internaliza um sistema simbólico dentro de um contexto de fortes laços afetivos. A identificação das crianças com os pais ou responsáveis vai determinar essa internalização, que nessa etapa é muito mais persistente e resistente à erradicações do que os sistemas simbólicos internalizados nas socializações posteriores.

O segundo processo denominado socialização secundária - é o que vem posteriormente, ao longo de toda vida, com a possibilidade de escolha do indivíduo, que opta ao se identificar com modelos, idéias e costumes assimilando-os de modo 'mais livre'. É a parte do processo socializador onde o sujeito não é somente escolhido como na socialização primária, mas passa também a escolher. A socialização secundária depende de uma gama de setores da sociedade às quais o sujeito se liga ao longo da vida.

As mães-funcionárias passaram pela socialização primária quando tiveram, ou não, contato com sua família original e ali iniciaram a construção da identidade, na qual fundamentaram seus hábitos, seus costumes e crenças, bem como seus valores, onde a maternidade e as prendas domésticas vêm em primeiro lugar. Nos processos de socialização secundária elas vão construindo novas idéias e valores assumindo um papel central no cotidiano, incluindo o

trabalho na instituição universitária, onde há uma variedade de significações nas quais elas podem vir a se inserir por opção pessoal ou determinação social.

"Os processos de socialização secundária não pressupõem altos níveis de identificação com os agentes socializadores como na socialização primária, e conseqüentemente o sistema simbólico, ou a realidade internalizada através dos mesmos é mais frágil e menos resistente à erradicações". (NICOLACI-DA-COSTA, 1987, p. 80)

No caso das nossas entrevistadas, o conflito entre a socialização primária e a secundária se evidencia na transmissão de valores para as filhas, pois apesar de já começarem a introjetar idéias e valores diferentes para si mesmas, acabam passando para as filhas, posturas tradicionais interiorizadas na primeira família. É o que NICOLACI-DA-COSTA (1987) chama de descontinuidade socializatória, que explica as ambigüidades que as entrevistadas vivenciam entre os sistemas simbólicos interiorizados nos processos de socialização primária e secundária.

Por vezes os "valores" e "normas" da primeira família se sobrepõem à família de hoje, gerando incoerências entre as interiorizações, que se revelam nos comportamentos e atitudes. Essa incoerência, exige a capacidade do sujeito de "integrar os conteúdos de socialização primária e secundária". Portanto, exige a "internalização pelo sujeito de sistemas simbólicos conflitantes em diferentes momentos de sua biografia". (NICOLACI -DA-COSTA, 1985, p.156)

Na educação a que foram submetidas na primeira família, as mulheres interiorizaram uma versão de identidades e papéis sexuais que lhes

possibilitaram uma leitura da sociedade e de si próprias como frágeis e dependentes, definindo de forma marcante sua inserção no social. Isso faz com que agora, essas mulheres tenham dificuldade em passar valores e modelos do papel feminino independente, forte e centralizador do poder familiar (sua experiência atual) para suas filhas mulheres. Assim se poderia dizer que o sistema simbólico interiorizado na socialização primária fornece ao indivíduo, definições dos papéis sociais, que poderiam ser assumidos na época de sua infância mas que permanecem como modelos na vida adulta.

No entanto, as mães-funcionárias desejam que as filhas desenvolvam aquilo que não lhes foi permitido desenvolver, e que conheçam aquilo que não lhes foi permitido conhecer.

"Este despertar e ocultar de sentimentos considerados negativos, não raro levou as mulheres a passar uma mensagem dupla para suas filhas. De um lado, sugeriam a libertação desse enredamento que aprisionava a mulher, através do investimento em uma carreira ou profissão, que poderia trazer a independência financeira. De outro, transmitiam a idéia de que o lugar da mulher era em casa, cuidando do marido e dos filhos e de que a maternidade era a mais sublime de suas vocações, dando um sentimento de completude à mulher". (COUTINHO, 1994)

"O lugar das mulheres na sociedade não é um produto direto do que elas fazem, mas do significado que suas atividades adquirem através da interação social". (OLIVEIRA, 1991)

O movimento feminista desempenhou, na emancipação da mulher, o papel que SERGE MOSCOVICI (1978), chamaria de grupos de "minorias ativas", que são "grupos desviantes desafiadores do senso comum", capazes de provocar, pela firmeza e viabilidade de suas posições, transformações das normas nas relações sociais. Esses grupos criaram uma nova forma na construção do cotidiano, buscando uma função social diferente para as mulheres. Essa "minoria ativa" fez o desvio na norma, não como uma disfunção parcial e passageira de algo que deve ser corrigido, mas como um processo fundamental de mudança do lugar da mulher na existência da sociedade.

FREUD mostrou a influência familiar na constituição da personalidade da criança, e, conseqüentemente do adulto. Descobriu o mecanismo da interiorização da autoridade paterna, que nos leva, do ponto de vista sócio-psicológico, ao modelo de família patriarcal, onde há uma dependência da mulher e dos filhos em relação ao pai.

MELANIE KLEIN muda esse conceito, ao valorizar a figura materna como relação emocional-afetiva primordial, através da qual o bebê se relaciona com o mundo. A importância do vínculo mãe-filho no desenvolvimento da criança vai muito além dos cuidados materno-biológicos. A autora nos mostra o quanto a mãe projeta de si no filho e o quanto o filho introjeta a mãe, estabelecendo uma relação que vai constituir o mundo interno da criança.

"Para KLEIN é a mãe que mediatiza a relação com o mundo exterior, ao mesmo tempo, filtrando e estruturando a afetividade em relação a cultura". (MASSI, 1992 p. 39)

O meio social inicial difere e é diferentemente vivenciado pelas crianças de ambos os sexos, ocasionando diferenças no desenvolvimento da personalidade. A formação da identidade ocorre na vivência das crianças com suas mães, que de acordo com CHODOROW, ensinam os meninos a serem masculinos de forma mais consciente do que as meninas a serem femininas, pois a mulher inconscientemente acha que as meninas já se vêem identificadas com suas mães. Em sua teoria a autora argumenta que todas as crianças se identificam primeiro com a mãe e que essa experiência de apego é muito significativa no processo de formação de identidade; por conseguinte a identificação da menina com sua mãe é contínua, e definida pelo apego e proximidade, enquanto que o menino define sua masculinidade pela ruptura e separação.

Dentro dessas contradições da internalização da ideologia feminina, é que CHODOROW explica a origem das discriminações nas relações de gênero, em seu livro, Psicanálise da Maternidade: uma Crítica a Freud a partir da Mulher (1978) e requer uma mudança profunda nas relações de socialização primária.

A autora propõe uma reconsideração sobre o tema da construção dos papéis masculino e feminino, mostrando outras possibilidades além do

determinismo do triângulo freudiano, ressaltando a importância da maternagem nas questões ligadas às discriminações sexuais.

As possibilidades do novo nos comportamentos de gênero estarão nas mudanças do fazer cotidiano da família, que sempre subordina a mãe, isoladamente, aos encargos da maternidade. Enquanto couber basicamente à mulher a tarefa de criar os filhos não haverá mudança no simbólico sobre o que é "ser homem" e "ser mulher".

Para CHODOROW a necessidade de uma mudança nas relações de gênero poderá acontecer se o pai se associar à mãe nos cuidados da maternagem, de maneira que as crianças possam se identificar com seu próprio gênero, sem entrar em grandes conflitos de papéis com o sexo oposto.

A autora coloca a "maternagem como um dos poucos elementos universais e duráveis do trabalho, determinado por sexo" (1978, p.17). Aponta em que nível a maternagem exercida somente pela mulher, produz diferenças nas experiências de relações meninas e meninos, isto é, diferenças de personalidade masculina e feminina.

As relações de gênero assim discriminadas acabam gerando situações difíceis tanto para a mulher quanto para o homem, que para desenvolver sua identidade masculina, tem que negar a sua sensibilidade e tem que se afastar da experiência feminina.

Ao colocar a mulher como a grande responsável pela formação da identidade das crianças de ambos os sexos, e reivindicar a participação decisiva

do homem na paternagem, a autora pode estar esbarrando em um tabu solidamente construído através da história. Perguntamos, será que as mulheres estariam mesmo dispostas a dividir o poder da maternagem com os homens?

Encerramos afirmando que na construção da identidade feminina as questões referentes às exigências sociais no processo de cuidado dos filhos, ainda tudo é muito contraditório no social, pois ao mesmo tempo que as mães têm que ser passivas em relação aos pais na negociação da harmonia familiar, se espera que sejam ativas, responsáveis e independentes no cuidado e na educação das crianças.

III - CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

“É nessas dobras do discurso que se esconde a ambigüidade e a contradição entre o pensar e o agir, que importa captar e revelar”.

Carlos Brandão em “Pesquisa de Ação”

O paradigma da pesquisa qualitativa descritiva foi considerado o mais adequado para se chegar aos objetivos desejados, ou seja, responder às questões a que nos propusemos. Este modo de investigar nos permitiu, através da análise de conteúdos, avaliar o quanto a fala das mulheres traduz a formação que receberam, principalmente o desenvolvimento de sua própria sexualidade. O procedimento de investigação partindo da análise da fala das pesquisadas permitiu-nos avaliar também o desenvolvimento, da construção de sua identidade atual, após sua inserção no mundo profissional.

Para BERELSON (in GOLDBERG e FRANCO, 1980), a Análise de Conteúdo é uma modalidade de pesquisa com parâmetros nas descrições objetivas, sistemáticas e quantitativas do conteúdo manifesto na comunicação.

Ao projetar a pesquisa nos remetíamos à totalidade da experiência social das mulheres no coletivo, mais do que à experiência pessoal de cada uma, buscando o que configura o comportamento feminino, como um todo. Na narrativa do cotidiano, julgamos que poderíamos encontrar composição e

configuração necessária à tentativa de teorizar o que há de estritamente comum em suas vidas.

A investigação do conteúdo da comunicação do entrevistado permite que sejam analisados, em conjunto, os aspectos culturais e os valores, bem como as atitudes e sentimentos do sujeito, que são os aspectos psicológicos. Esse processo ajuda na compreensão de problemas, podendo-se desvendar os discursos através de entrevistas, depoimentos, diários pessoais e dissertações.

Foi escolhida a entrevista como instrumento de coleta dos dados porque nesse tipo de investigação é necessário haver uma relação de confiança mútua, entre pesquisador e entrevistado e também porque é através da linguagem de cada entrevistado que avaliamos o significado de suas representações.

Um roteiro de perguntas foi seguido, respeitando-se direções e limites de cada entrevistada. Por várias vezes, as perguntas se mesclavam; à medida que o assunto ia se desenvolvendo, as entrevistadas eram novamente questionadas para que o conteúdo fosse melhor esclarecido por explicações adicionais.

As características de cada história são mostradas no relato das mulheres, onde se revelam os estímulos relacionais, psicológicos, psicossociais e culturais, envolvidos na formação de uma identidade com características femininas.

Esta pesquisa foi realizada no ambiente de trabalho das mães-funcionárias, com a colaboração das chefias, que concordaram em liberá-las de suas funções durante os trabalhos de investigação e compreenderam a necessidade de aplicação dos questionários iniciais e posteriormente, a gravação

dos depoimentos – Na primeira etapa, cada entrevista durou 120 minutos, para a resposta às 25 questões semi-estruturadas e na segunda etapa, 40 a 60 minutos para os depoimentos.

Para iniciar o contato, no primeiro momento foram feitas 25 perguntas por escrito às mulheres e num segundo momento, as perguntas foram ampliadas e feitas oralmente. No diálogo, as entrevistadas iam fazendo associações e oferecendo os dados por si mesmas.

Foram realizadas entrevistas com 20 mulheres, entre as quais 7 foram selecionadas para a segunda etapa, por oferecerem conteúdos que melhor retratavam as características pretendidas pela pesquisa. As entrevistas foram feitas com o cuidado de não inibir as entrevistadas, respeitando-se os seus limites ao falar em da própria sexualidade e de pontos delicados de suas experiências. Para isso, foi estabelecido um *rapport* inicial, isto é, uma aproximação entre entrevistada e a entrevistadora descontraindo e tornando mais fluente a comunicação e diminuindo o nível de ansiedade que a situação pudesse suscitar, caso a entrevista fosse confundida com avaliação.

As entrevistas tiveram caráter confidencial e para isso foi solicitado a todas as participantes, a permissão para o uso de seus dados pessoais e de sua história de vida no estudo, sendo garantido a elas a omissão de seus nomes originais para que pudessem permanecer no anonimato.

As respostas obtidas foram analisadas por uma perspectiva psicossocial, isto é, os dados objetivos mostraram as mulheres em sua relação consigo

mesmas e com o mundo, através de sua linguagem, seus sentimentos evidenciados em queixas e alegrias, seus traços culturais e seu grupo social, e nós estivemos, em especial, observando suas representações sobre a sexualidade, atentos às supostas diferenças entre a etapa anterior e posterior ao exercício de uma atividade profissional remunerada.

Os dados coletados eram descritivos no que se refere aos acontecimentos e situações e foram transformados em categorias de análise para a organização teórica da reflexão.

O objetivo da análise de conteúdo é a busca de sentidos de um texto no qual alguns de seus requisitos básicos são a objetividade, a sistematização e a quantificação.

Quanto à objetividade, ficaram estabelecidas quais as etapas da pesquisa a serem desenvolvidas de maneira clara, principalmente quanto à elaboração das categorias, de modo que outros pesquisadores, ao investigarem o mesmo conteúdo, possam dispor desses parâmetros. A sistematização ocorre quando na inclusão ou exclusão de conteúdos em categorias toma-se por base dois indicadores: o primeiro pressupõe que todo conteúdo relevante aos objetivos da pesquisa seja analisado por meio de categorias também relevantes. O segundo indicador implica que os resultados da análise de conteúdo possam ser generalizados.

Vale ressaltar que a quantificação dos dados significantes de um procedimento causa ainda grandes polêmicas, pois trata-se da transposição

deles para referências numéricas. O risco oferecido pela perspectiva quantitativa é o de que aspectos relevantes da comunicação possam se perder.

Em contrapartida, a análise do conteúdo possibilita fazer inferências válidas e replicáveis, respeitando-se a informação coletada, a fim de se determinar o significado do próprio conteúdo. Essas inferências é que conferem a essa técnica uma relevância teórica, uma vez que implicam a comparação com outro dado. O conteúdo pode ser abordado sob vários ângulos, dependendo das unidades que se utiliza, podendo ser uma palavra, um parágrafo ou o texto como um todo.

Para BERELSON (in GOLDBERG e FRANCO, 1980), a primeira coisa a ser feita para a análise de conteúdo das entrevistas registradas é escolher as categorias de análise. Essas categorias estão divididas em Unidades de Registros e Unidades de Contexto. A Unidade de Registro é a menor parte do conteúdo; podendo ser um símbolo, uma palavra, um tema, um personagem ou um item. A Unidade de Contexto é a mais ampla e inclui a Unidade de Registro, podendo ser uma sentença, um conjunto de parágrafos, uma página ou apenas um parágrafo.

Segundo LUDCKE e ANDRÉ, (1986), para que o conteúdo de comunicação seja inteligível, é necessário criar categorias de análise, que vão refletir os objetivos da pesquisa, devendo-se respeitar os seguintes critérios: homogeneidade interna, heterogeneidade externa, inclusividade, coerência e plausibilidade. Ainda que exista uma norma fixa para a construção das

categorias, deve ser feita uma última avaliação, a fim de julgá-las do ponto de vista de sua abrangência e delimitação.

Nesta pesquisa, utilizamos como Unidade de Registro os questionários de perguntas semi-estruturadas e todas as informações sobre as mães-funcionárias usuárias dos Serviços Educativos. E como Unidade de Contexto, as gravações, procurando o conjunto de frases que fosse indicativo dos temas relacionados às dimensões pesquisadas no trabalho.

Em seguida, fomos procurar as categorias nos depoimentos das mulheres funcionárias, conforme nossos dados teóricos.

Definidas as categorias de análise, por repetidas leituras analíticas dos conteúdos, chegamos às representações das pesquisadas sobre a mulher como profissional e a mulher no entendimento de sua própria sexualidade, no seu papel de mãe e esposa.

Essas categorias foram organizadas como:

1. a mulher se descobrindo profissional, através do trabalho na instituição universitária;
2. a mulher refletindo sua sexualidade num momento da adolescência da filha;
3. a mulher representando o núcleo familiar hoje, exercendo o papel de centro da família;
4. a mulher transmitindo o que sabe sobre sexualidade para as filhas adolescentes.

IV - DE QUE MULHERES ESTAMOS FALANDO

As mulheres entrevistadas para esta pesquisa tiveram experiências semelhantes quanto à formação de uma família e a geração de filhos, o que, de uma forma ou de outra, acabou levando-as a encontrar uma maneira própria de administrar sua vida, dedicando-se a uma profissionalização, paralelamente.

Algumas mulheres optaram por sustentar sozinhas a família que formaram, embora convivendo ainda com o parceiro dentro de casa. Outras, por separação ou viuvez, também assumiram a administração de sua vida profissional, conjugada com a administração do conjunto familiar. Não se observou, no grupo de mulheres entrevistadas, nenhuma ruptura drástica no sentido de abandonarem a casa e/ou os filhos e partirem para alguma experiência individual.

O ambiente de trabalho, que também é para elas um ambiente educacional, proporcionou inúmeras e marcantes mudanças nessas mulheres, mas nenhuma que as fizesse desligar-se do contexto em que viviam.

As mães—funcionárias passaram a usar sistematicamente vários serviços especiais que lhes são oferecidos pela Universidade, tais como os Serviços Educativos, a partir dos quais têm tido orientações, cursos, palestras; informações, através do SOS Ação Mulher, onde as questões tipicamente ditas femininas são abordadas na forma de orientações; e outros, como assistência

médica e odontológica, através do Centro de Assistência Integral à Saúde da Mulher; Sindicato dos Trabalhadores da UNICAMP, ou mesmo cursos na Faculdade de Educação Física e Artes Plásticas, oferecidos semestralmente aos funcionários. Isto reflete gradativamente nas possibilidades de um espaço próprio, onde ela procura integrar dois universos distintos - o da família e o do trabalho.

As mulheres, portanto, foram muito mais longe do que naturalmente iriam se permanecessem circunscritas unicamente ao ambiente de casa, o que já é um ganho substancial. E essa visão, ainda que parcial, acerca de suas possibilidades, é o que elas tentam passar às filhas.

Todas essas mulheres acabaram, assim, encontrando um sem número de perspectivas que antes não conheciam e, ao voltarem para o ambiente de origem, fazem o possível para adaptar os conceitos adquiridos aos anteriores, embora de um modo bastante diverso.

Fazendo repetidas leituras dos textos colhidos nas entrevistas, pôde-se constatar a ausência de queixas quanto à carreira profissional. As mulheres não mencionavam em seus relatos, que estavam insatisfeitas com a função que conseguiram na Universidade; pelo contrário, elas relatam que esperam melhorar ainda mais o seu desempenho, o que vêm fazendo desde sua admissão. Isso não necessariamente significa que não tenham sonhos ou projetos pessoais no sentido de obterem promoções, de passarem a exercer funções de maior responsabilidade. Algumas delas demonstraram que têm a perspectiva de

modificarão a classificação dentro da mesma função que já exercem, mas isso, unicamente por motivo de um ganho ou remuneração acima do que hoje recebem. Não houve evidências de que queiram dar grandes saltos qualitativos em se tratando de carreira profissional. A sensação de serem independentes, muito embora recebam pequenos salários, já lhes é, de certa forma, gratificante.

Na verdade, no mundo feminino que sempre foi restrito a tarefas específicas, como as que já mencionamos, nunca houve lugar para uma orientação rumo ao espaço "externo". Essas mulheres não têm como meta galgar uma carreira profissional cada vez mais destacada, seja em termos econômicos, seja em termos sociais. Embora comecem a vislumbrar essa perspectiva, desde já estão satisfeitas pelo fato de desempenharem a contento o que lhes foi imposto.

Essa perspectiva de uma ascensão social e profissional, embora comece a surgir, não tem força suficiente para emergir; daí, se depreende que as comparações feitas por elas incluem uma referência no presente atual e outra no passado, e não em um futuro hipotético que as poderia fazer desejar mais do que já obtiveram até então.

A seguir apresentamos o perfil das mulheres entrevistadas, com o qual quisemos fundamentar o universo da pesquisa.

Entrevista 1 - Cibele

Cibele é uma mulher de 34 anos. cursou o 2º grau completo e fez um curso técnico no ambiente de trabalho. Por presenciar algumas outras funções ao seu redor, acabou conhecendo uma área técnica, fazendo também um curso rápido de computação, o qual ela apresenta como sendo sua identidade profissional. O casamento se desfez após cinco anos. Tem dois filhos: uma menina de 14 anos e um menino de 13 anos. Trabalha na UNICAMP há 8 anos, numa jornada de trabalho de oito horas, o que absorve a maior parte do seu tempo. Mora em casa própria, na periferia. Criou os filhos sozinha, depois que se separou, e só agora estabeleceu um novo relacionamento, ainda não definitivo. Tem o apoio dos filhos, que são próximos e se mostram muito ligados à mãe. Eles quase não vêem o pai, que não costuma conversar com os filhos. A filha ainda não se relacionou com rapazes.

Não recebeu nenhuma orientação da mãe sobre o desenvolvimento da própria sexualidade na época da adolescência, aprendendo tudo sozinha, através de conversas na escola, orientação de livros e alguma coisa com uma professora de geografia. A experiência de informar os filhos fez com que procurasse mais informações através dos serviços oferecidos pela Universidade; bibliotecas, revistas e palestras. A maior parte do que sabe hoje sobre sexualidade foi pela própria exigência da escola dos filhos. Faz questão de conceder oportunidade, em sua casa para que os filhos e seus colegas possam discutir questões sobre

namoro, camisinha, gravidez, AIDS, doenças sexualmente transmissíveis, maternidade precoce, etc.

Entrevistada 2 - Diana

Diana tem 39 anos e foi adotada por uma família de posses, pois perdeu os pais quando ainda era um bebê. Viveu sozinha com os irmãos e uma avó, até que essa família adotou os três irmãos. Aos 4 anos, sofreu abuso sexual várias vezes por um tio que costumava visitar a avó. Hoje tem ainda lembranças dessa época e por isso quase não consegue conversar com suas filhas sobre as questões da sexualidade. Quando se casou, aos 17 anos, o marido soube do acontecido pela família que a criou, e cobrou isso dela todo o tempo – não aceitava que ela alimentasse o trauma. Com o atual companheiro, 15 anos mais novo, relata que é mais fácil falar sobre a sexualidade. É ele quem orienta mais sua filha mais nova.

Tem também uma filha mais velha que engravidou com 13 anos. Segundo Diana, engravidou pensando que fosse uma brincadeira. O pai dessa criança, mais velho que a filha de Diana, no início, assumiu o bebê, mas depois de alguns meses levou a menina e a criança para morar com a avó Diana, que, apesar de muito feliz pela vinda do neto, não aceita muito bem que a filha queira passear e se divertir. Quer que ela trabalhe e cuide do filho.

Diana sempre se sustentou depois que se separou do primeiro marido, sempre viveu com os filhos, nunca procurou ajuda econômica externa. Foi

cozinheira, antes de se tornar auxiliar de gráfica e hoje é técnica na Universidade. Está há 10 anos na UNICAMP.

Entrevistada 3 - Nilva

Desde os sete anos, trabalhou em casa de família, fazendo serviços gerais. Mesmo assim, com muito esforço, como ela relata, conseguiu concluir o 1º grau. Não continuou os estudos porque a mãe dizia que estudar à noite não era coisa para mulheres. O dinheiro que ganhava era deixado em casa, com a mãe. Quando começou a ter seus próprios gastos, foi encaminhada pelo patrão à UNICAMP, época em que não tinha sequer os documentos pessoais. Está trabalhando há 10 anos, tem hoje 38 anos e é casada com um músico. Quase não se vêem, pois ele trabalha à noite e praticamente não participa da criação das filhas e da organização da casa. Suas filhas, de 11 e 13 anos, não concordam com o relacionamento instável que a mãe vive com o pai, gostariam que ela se separasse legalmente, mas Nilva acha que não deve porque "ele é o pai delas".

Dentro da orientação que dá às filhas, deixa claro que se acontecer alguma situação de gravidez ou qualquer outro problema relacionado à sexualidade não vai apoiá-las, porque acha que já ensina o suficiente para que todas "pensem" antes de tomar qualquer atitude inconseqüente. Como não recebeu de sua mãe nenhuma orientação sobre sexualidade, acha que as filhas,

hoje com todo o acesso às informações, têm que arcar com tudo o que fazem. Deixa a tarefa de "conversar sobre sexo" com as meninas para a filha mais velha.

Entrevistada 4 - Ruth

Ruth tem 41 anos, fez um curso técnico e é mãe de quatro filhas adolescentes e um filho de nove anos. Foi criada em uma aldeia no Mato Grosso do Sul, que distava cinqüenta quilômetros da cidade mais próxima. Fazia parte de uma família muito rigorosa. Seu pai era professor. Quando começou a trabalhar na UNICAMP, trouxe uma das filhas, que hoje estuda à noite. Outra filha se prostituiu. Ruth separou-se do marido e cuida do sustento da casa sozinha, as filhas ajudam no serviço de casa. Ela costuma comprar livros e levar para casa e orienta os filhos como pode. Costuma reunir as amigas e ensinar o que aprendeu, por iniciativa própria. Cria as filhas com muito rigor, tem muito medo de que a sua menina mais nova engravide, mas acha que orienta muito bem quanto ao desenvolvimento da sexualidade. Tem de si a imagem de uma mãe que esclarece todas as dúvidas; que fala "o português claro". Não quer que as filhas passem pelas mesmas dificuldades por que passou, tanto na época da primeira menarca como no casamento.

Entrevistada 5 - Ester

Ester tem 31 anos, é ajudante geral, trabalha há oito anos na UNICAMP. Perdeu os pais aos 12 anos, não teve nenhuma orientação sexual. Quando se

casou aos 17 anos, a sogra é quem foi lhe explicando aos poucos o que sabia. Quando foi trabalhar na UNICAMP, sua renda ultrapassou a do marido, que tinha problemas com alcoolismo. Ficou viúva há 3 anos e relatou que se surpreendeu com a falta que faz o marido; antes pensava que o problema era ele. Tem 2 filhos gêmeos, de 19 anos, e uma filha de 14 anos com dificuldades de aprendizagem na escola; segundo ela, a menina tem a mentalidade infantil para sua idade, mas faz todo o serviço da casa. Ester não entende como sua filha pode auxiliar tão bem no trabalho da casa e repetir tantas vezes na escola.

Hoje, Ester não vive nenhum relacionamento conjugal, nem mesmo namoro. Passa para a filha a idéia de que se ela não tivesse engravidado cedo, estaria melhor na vida. Os irmãos de 19 anos ajudam a cuidar da irmã, desde que ficou viúva, “protegendo-a” de terceiros, com a concordância da mãe.

Entrevistada 6 - Celina

Ficou órfã quando ainda era bem pequena e foi adotada. Tem 37 anos e teve quatro filhas, com diferentes parceiros. Nunca soube o que é conversar sobre sexualidade. Não se casou nem permitiu que os pais registrassem as meninas, criando-as sozinha. Conta que quando sua mãe era viva, tinha um padrasto que dava sempre preferência para seus filhos legítimos e hoje não quer que isso aconteça com suas filhas. Seus relacionamentos foram, segundo seu relato, totalmente casuais. O relacionamento mais íntimo aprofundado que experimentou foi com o pai da primeira filha. Quando este morreu, ela ficou um

longo tempo sozinha e depois estabeleceu relacionamentos fortuitos, ao acaso, sem vínculos definitivos. Embora não tenha tido nenhuma orientação da primeira família, quer que suas filhas aproveitem ao máximo as possibilidades oferecidas pela Universidade, através dos vários serviços. Não quer que suas filhas repitam sua história de vida, deseja que façam cursos de computação ou de inglês, e que não precisem falsificar um diploma, como ela teve que fazer, para arrumar emprego. Acha que depois que entrou na UNICAMP sua vida melhorou muito, pois pode, agora, oferecer para as filhas tudo o que não teve.

Alguns meses depois da entrevista, uma das filhas, a de 14 anos, engravidou. Sua reação ao contar o fato era de como já soubesse que isso iria acontecer.

Entrevistada 7 - Maria

Maria está com 35 anos e trabalha como auxiliar de enfermagem no Hospital da UNICAMP. Pelo seu relato, tem a vida estruturada dentro de suas expectativas. É separada, tem 2 filhos, uma menina de 13 e um menino de 9 anos. Tenta orientar a filha para que estude, antes de iniciar um relacionamento com rapazes. Mas já prevê essa possibilidade. Enquanto o ex-marido vê a filha ainda como uma criança, ela já enxerga as possibilidades de um namoro e de uma profissionalização para ela. Tem muita segurança de que a filha está sendo bem orientada e que sabe o que quer.

Preocupa-se em oferecer aos filhos o mínimo do que teve quando criança: viagens, passeios e contato com os avós e parentes nas férias.

Seus pais sempre deram condições para que ela e seus irmãos pudessem estudar e se divertir. Não teve orientações sobre o desenvolvimento sexual, mas cresceu num ambiente tranquilo, onde podia conversar bastante sobre isso com as irmãs e as colegas de escola. Procura dar todo o tipo de orientação para a filha, e, diferentemente do ex-marido, vê nela uma mulher que já mostra que quer trabalhar e garantir seu próprio sustento. A mesma ainda não tem interesse em namoro, mas já comenta com a mãe sobre os namoros de suas colegas.

V - CATEGORIAS DE ANÁLISE DO PROBLEMA

5.1 - Trabalho, Casamento e Família: Encontros e Desencontros

"A transferência da unidade produtiva da casa para a empresa implica a transformação progressiva do caráter da família nas sociedades industriais. Concomitantemente, determina a modificação da relação da mulher com suas atividades". (QUARTIM MORAES, 1980)

O trabalho fora de casa é uma exigência de nossos dias e hoje trabalhar fora atende já a uma necessidade da mulher de posicionar-se individualmente diante do mundo, o que lhe garante a sobrevivência psíquica e social, porque tem o reconhecimento que está ligado, de um lado, à sua subjetividade e de outro ao ganho social de *status* e fontes de sucesso e poder.

Com relação à vida profissional, o quadro se apresenta rico em relatos que mostram que o ambiente profissional exerceu uma influência decisiva na forma como as mulheres se vêem, ou como imaginam que a sociedade as vêem, adotando, assim, um estereótipo que é compreendido por elas como se fosse sua nova identidade: *"Quando eu vim trabalhar, eu morria de... vergonha, num conseguia escovar os dentes, morria de vergonha de tudo. Agora, eu levo livro daqui da biblioteca pra casa... eu acho tão bonito! Aqui na UNICAMP foi superimportante, foi onde nós acabamos aprendendo quase tudo"* (Cibele).

As mulheres não se importam em estarem delegando a outros o papel de mãe, e até apreciam o fato de os filhos estarem sendo cuidados por profissionais

enquanto trabalham. Relataram que o mundo dos filhos foi ampliado em relação ao delas, quando pequenas, pois conviveram exclusivamente com a família: *"Ela [a filha], como foi criada no meio de -pessoas estranhas, que não eram da família dela, ela num, ela é super... ela tá no ambiente dela" (Cibele).*

A mulher pesquisada enfrenta a dupla jornada de trabalho, mas para ela, o novo mundo profissional é tão significativo, que os afazeres domésticos não são encarados como "trabalho".

Existe uma fragilidade na questão do trabalho doméstico que merece comentários. Embora a pesquisada tenha sempre trabalhado, tanto na família de nascimento quanto na família que ela constituiu através do casamento, de modo remunerado por terceiros ou não, esse trabalho não foi considerado por ela como "vida profissional", por não ser legitimado socialmente.

Ao encarar o trabalho doméstico, elas ainda refletem muito do modelo da *praxis* cotidiana de suas mães e avós, que não saíam de casa para trabalhar. Durante as entrevistas, as mulheres expressaram claramente a necessidade de valorizar-se, mostrando como começaram a impor um maior controle no ambiente doméstico, imbuídas da segurança interior vinda do ambiente de trabalho profissionalizado: *"eu fui lutando, lutando bastante, e fui na assistência social, fiquei muito bem informada pelas colegas que me ajudaram bastante, deu muito apoio na época e... consegui!" (...)* *"...porque agora chegou a hora que eu tenho, graças a Deus, um emprego, eu dei um basta na pinga porque mulher de bêbado*

é santa, cê agüenta um homem dentro de casa, cê trabalha o dia todo, cê chega em casa, arruma a casa". (Ruth)

A fala sugere, que uma situação antes tolerada, ou até mesmo admitida como parte do cotidiano, não mais é encarada por elas como normal e, embora não exista mudança drástica de situação, algumas modificações começam a se esboçar. A mulher começa a impor algumas de suas convicções em relação aos outros membros da família, bem como ao parceiro, que anteriormente ao trabalho, haviam sido incumbido das prioridades de comando desse pequeno núcleo.

Pode vir daí um conflito interno para a mulher, pois, como diz CHERIS KRAMARAE (in ROCHA-COUTINHO, 1994, p.128): "As regras sociais indicam que os maridos devem dominar mulheres e filhos. Uma esposa abertamente competente e autoritária faz com que o marido pareça fraco; ambos parecem desviantes. Se a mulher efetua realmente um maior controle, então, ela também usa táticas que assegurem que o marido tenha a ilusão de poder, ao menos publicamente".

Essa idéia aparece no momento em que Nilva declara: "*Se ele falá pra elas não sair, tá falado. Ele é o pai delas, e eu num posso deixar elas passando por cima da autoridade dele. Depois, com jeito, eu vou lá e contorno a situação, porque às vezes ele só fala isso de ciumenta mesmo, aí eu dou um jeito delas ir passear, sem ele ficar bravo, porque ele num é o pai delas, mas tem que fazer de conta que é". (Nilva)*

Embora algumas características sejam comuns a todas as mulheres entrevistadas, nem sempre os critérios de escolha dos sujeitos, conduziram à configuração de um grupo de características e experiências homogêneas. No caso, há mulheres que, depois de uma relação mais profunda, e com o rompimento desta (por separação ou morte do parceiro), começaram a viver uma vida independente, assumindo totalmente o controle da família, que se compõe dela e dos filhos. Não se pode inferir que o fator desencadeante desse comportamento seja o ingresso no ambiente de trabalho que, por sua vez, educa e transforma. A princípio, parece tratar-se de uma minoria de mulheres, que, por características pessoais, logo de início tomavam para si a tarefa da sobrevivência e da exclusiva criação da prole sem primeiramente esgotar todos os recursos e direitos de vínculos socialmente legitimados, para manter uma dependência com um parceiro.

Segundo WOORTMANN, o valor simbólico de "família" depende do que há para se ganhar ou perder. Para as entrevistadas, "família" significa "família doméstica", ou seja, apenas o grupo de pessoas que está vivendo sob o mesmo teto, repartindo as tarefas e responsabilidades para o próprio sustento.

Como é comum a freqüência de relações de convívio conjugal em que, com relativa facilidade, se rompem os vínculos, o modelo de sociedade doméstica tem grande mobilidade. Algumas das mulheres que observamos na pesquisa construíram uma "carreira conjugal", pois, a partir de um casamento formal,

que se dissolveu, inicia uma série de uniões de curta duração, que a partir dessa primeira experiência é vista de maneira mais prática e menos idealizada.

Elas começam a procurar orientações buscando adequar essa idealização à realidade, mas não as concretizam, o que sugere uma mudança apenas parcial nos conceitos assimilados. *"...então eu fui falar co'a psicóloga, ela me ajudou, me disse coisas que eu fiquei pensando e quase que fui em frente, mas na hora eu achei melhor deixar pra lá e vê se as coisas num consertavam com o tempo..." (Ruth)*

No que se refere à responsabilidade sobre a mulher e os filhos, o padrão predominante é o de que, se existir um rompimento, o homem que sair de casa não é mais responsável pela mulher e por nenhum dos filhos dela. Observamos que, mesmo durante a permanência do vínculo conjugal, é duvidosa a responsabilidade real do homem, assim como sua autoridade.

Enquanto ideal, a mulher trabalhadora procura um casamento com um "homem de respeito" ou "homem de recursos". Para algumas mulheres, no entanto, o casamento formal é algo a ser evitado, por medo de perderem a independência. Embora este casamento seja a única maneira de legitimar a maternidade, ele está claramente associado à subordinação ao marido, o que por vezes significa "ter que sustentá-lo".

A inevitabilidade da vida sexual é legitimada moralmente através da maternidade. Não existem bastardos, ou filhos ilegítimos nesse grupo social. Não existem sanções formais negativas sobre a mulher, nem sobre os filhos de

relações sexuais extramaritais, não sendo discriminatória entre eles a idéia de ilegitimidade. "... *a mais velha é filha do primeiro, mas este agora aceita ela como filha e nem nunca a gente discutiu o assunto, agora ele é o pai dela e pronto...*" (Celina)

O conceito de família tem seu princípio na idéia de que os filhos pertencem primariamente à mãe quando há a exclusão do homem do núcleo cultural definido como família doméstica. Nesse modelo é reforçada a matrifocalidade de WOORTMANN.

Contrariamente ao modelo cultural mais comumente observado, no qual o casamento é entendido como duradouro, a continuidade não é inserida no modelo existencial das mulheres, pois não apenas existem muitas uniões rompidas, como há mesmo uma expectativa de descontinuidade das relações. As crianças não parecem ser tão afetadas por isso, devido ao próprio sistema cultural com a família centrada na mulher.

A conscientização que a posição de trabalhadora representa para ela, dando-lhe noção de sua força tanto na família como na sociedade, o que consegue com a independência financeira, leva-a a achar condições e possibilidades para concretizar seus ideais, livrando-se de um redemoinho de desvalorizações sociais. "*Agora, mesmo que eu tô sozinha com os menino, a mulherada lá de perto me respeita, porque eu tô trabalhando aqui... eu me sinto mais útil, também, mais dona do meu nariz*". (Ester)

As entrevistadas mostraram que necessitam do trabalho para sobreviver desde bem pequenas e seu ideal está conjugado a esse trabalho e à independência econômica que ele representa.

“Em 74, eu parei de trabalhar em casa de família e entrei aqui... ah! melhorou né, porque cê vê o último emprego que eu tive,... porque eu vim da roça, eu vim do interior, né, aí cheguei aqui eu só sabia trabalhar de doméstica... Mas eu sempre fui esforçada, sempre estudei, fui até o ginásio com minha mãe me xingando, eu trabalhava de dia e estudava à noite, porque ela achava que estudar de noite num era pra mulher, que mulher só tendo o primário já tá bom, mas eu não, eu sempre bati o pé e sempre fui, entendeu? Aí consegui fazer pelo menos o ginásio... e esse meu patrão... ele mesmo me tirou todos os documentos, me trouxe aqui, quando saiu no jornal oficial eu num tava nem na casa dele, ele foi me buscar na casa da minha mãe e me trouxe pra trabalhar, então graças a ele e a Deus tô por aqui até hoje”. (Nilva)

Embora essa população seja marcada pela falta de informação, as mulheres lutam arduamente por seus projetos, buscando, além de mais e melhores caminhos, uma identidade em construção que as leve a uma melhor estruturação familiar.

A carreira profissional não foi um projeto de vida, mas fez com que todas tivessem condições de sair da total falta de perspectiva em que foram criadas, de pensar diferente e de, através do ambiente de trabalho, abrindo-se para novas possibilidades. Isto quer dizer que de início, não há um projeto profissional

claramente delineado pela mulher, nem mesmo os seus ganhos são de tal monta que permitam realizar projetos grandes, mas isso já é muito comparado a nenhum ganho recebido na vida doméstica. Também a simples perspectiva de estar mergulhada, agora, em um novo ambiente representa uma superação em relação ao seu estado anterior, quando ficava restrito ao lar. Se tal ganho não garante às mulheres um respeito maior por parte de seus parceiros, ainda assim, elas começam a se vislumbrar como alguém que mudou e, portanto, independentemente de uma identificação externa, começam interiormente a traçar um novo perfil que mantêm só para si. Uma das entrevistadas relatou muito bem essa situação, quando disse: *"Eu não me incomodo mais se ele não me dá valor e fala que eu preciso cuidar mais da casa e das crianças, eu sei que tô fazendo isso como posso, mas lá dentro eu me dou valor, sim, eu sei do que eu sou". (Nilva)*

Embora a "profissão" tenha surgido como uma oportunidade para "melhorar de vida" e sem muita possibilidade de outra escolha profissional, essas mulheres se mostraram satisfeitas por pertencerem a uma organização institucional e dispostas a manter a "segurança" que advém socialmente desse trabalho que lhes dá um lugar social e uma estrutura para realizar suas aspirações pessoais.

Podemos dizer, no entanto, que a mulher canaliza sua energia na família durante todo o tempo que procura aprender sobre os direitos femininos e questões legais. O que elas recebem de informação sobre seus direitos serve de

suporte para seu equilíbrio psíquico, pois no seu imaginário já está presente um modelo de mulher que deve reivindicar seus direitos, o que ela transmite em seu discurso para as filhas. Podemos constatar, todavia, que as reivindicações por mudanças provêm mais de uma internalização da ideologia em transição do que de uma ação na realidade.

As mulheres funcionárias revelam que não ambicionam a independência financeira só de um marido que a sustente e nem mesmo esperam muito deles emocionalmente. Para elas, o casamento tem um significado presente e realístico. Só esperam aquilo que o casamento pode oferecer naquele momento. Se não foi assim no primeiro casamento onde havia o sonho, passou a ser com o tempo nas demais uniões.

É interessante observar que elas convivem com novos questionamentos no ambiente de trabalho, projetam novas posturas e possibilidades, mas nunca perdem de vista as dificuldades reais, econômicas e sociais por que passam no seu dia-a-dia. Nas entrevistas, elas relatavam que as dificuldades estão incorporadas à sua realidade de modo que ao fazerem planos já incluem questões comuns de uma classe que sempre lutou muito e que se orgulha dessa luta.

"Essa disposição para o trabalho, este ser pau para toda a obra que caracteriza as entrevistadas, a honra de poder ter uma profissão é vivida como uma qualidade positiva, uma dádiva, que compensa as desigualdades sociais".
(SARTI 1996 p.68)

5.2 - Mulher e Filhas: Responsabilidade do Futuro Feminino”

“Toda mãe tem sua filha dentro de si, e toda filha, sua mãe”.

C.G. Jung

Existe na mulher um ideal íntimo de realização pessoal através da sexualidade e maternidade, que se reflete na criação das filhas, embora essa questão pareça estar esquecida na rotina do dia-a-dia.

A maternidade, como um todo, mobiliza fortemente a vida da mulher, mesmo tendo ela uma rotina profissional. Embora não tenham grandes questionamentos quanto à educação de seus filhos, um dado importante que se evidencia na fala das mães-funcionárias é a queixa de que, a partir do momento em que se tornaram mães, tiveram que passar a decidir por si mesmas tudo o que fosse relativo à família. Após o nascimento dos filhos, passaram a vivenciar situações de extrema responsabilidade e solidão. Na maioria das vezes, não contaram com o apoio do marido ou companheiro nem na decisão de ter filhos nem na maneira de criá-los. Mesmo assim, quando engravidaram, aceitaram a criança, pois a realização feminina está idealmente ligada à maternidade.

Podemos supor que a mulher assume a responsabilidade sobre a criança como tarefa só dela, porque o homem não se mostra responsável pelo processo de “cuidar dos filhos”. Ele facilmente se ausenta ou se exclui, o que é possível acontecer, impunemente, em nossa sociedade.

Uma das pesquisadas dizia: *“O pai fica só ali, mandando, mas na hora mesmo, quem tem que dizer o que é pra ser feito sou eu, acho que é assim com toda mãe...” (Maria)*

Observamos que as mulheres vão mudando gradativamente a “ideologia da maternidade” a partir da experiência do trabalho profissional. Sua “culpa” inicial por não corresponder ao ideal pretendido de convivência com o bebê é aliviada à medida que consegue se sentir útil e participante como profissional.

A maternidade gera uma situação que, ao mesmo tempo em que possibilita realização enquanto identidade feminina, limita a vida profissional e tolhe a liberdade da mulher independente. Indagar, nas entrevistas, sobre o projeto de vida que imaginavam para as filhas, tinha o propósito de descobrir se elas, no concreto, traçaram algum plano para um futuro feminino diferente. Os desejos e os temores se descortinavam nas falas: *“eu converso muito com ela [com a filha] que isso de namorar não dá futuro, eu só num estudei mais porque não podia, mas a S. não, essa condição eu posso dar pra ela...” (Nilva)*

Em vários relatos pôde-se observar que as mulheres adquiriram uma forma toda pessoal de exercer o controle sobre os demais membros da família: *“...eu sei que ela num merecia, mas acabei ficando com dó, era uma calça cara mas aí eu fui e comprei, dei pra ela mas também ela tinha que me ajudar... nos serviço da casa (...) eu só bati nela porque era errado, mas depois perguntei pra ela e ela me disse que sabia que apanhou porque eu queria só ensinar...”* E isso demonstrou ser a repetição, de forma mais branda, de parte da própria história:

"minha mãe me batia de couro de boi, chicote. Eu, não, só bato de leve mesmo, pra aprender." (Ruth)

De qualquer modo, elas têm interiorizada uma imagem de mãe-educadora, com alguns critérios pessoais sobre como orientar os filhos: *"porque mãe num precisa adular filho não, mãe precisa incentivá o filho e saber que ele merece, e a hora que ele num merece as coisa."* (Ruth)

De acordo com MASSI, (1992), a mulher vai reproduzindo modelos, de uma geração para a outra, por caminhos "invisíveis" do cotidiano – através de mensagens não verbais, mas apenas vivenciadas, que transmitem comportamentos, hábitos e conceitos.

Ao mesmo tempo que se modifica, comprando livros e os levando para casa *"eu deixo ali, pra ver se eles se interessam, porque estudo é o que eles devem ter"* (Cibele), ela também pune nos mesmos moldes em que era punida pela própria mãe, ainda que de modo mais atenuado e mais imbuído de intenções educadoras.

De um modo diferente das mães, porém com o mesmo intuito de proteção, ela teme pela sexualidade das filhas: *"antes de tudo a gente tem que ficar de olho nelas, eu digo pra ela: olha, filha, você precisa ver quem é esse menino e a mãe dele, porque se não cuidar vai dar uma complicação muito grande..."* (Nilva). Suas palavras nos levam a pensar numa possível maternidade da filha, já antecipada pela mãe como algo que fatalmente deverá acontecer. *"Eu*

comecei a ensinar, mas tá difícil, eu falava rasgado, já avisava, relô pegô”.

(Diana)

O conflito existe no cotidiano da mulher, que procura conciliar um caminho entre o que aprendeu e o que ensina para a filha, tentando viver conforme o modelo interiorizado pela ideologia aprendida no novo meio socializador. A fantasia de ter uma família e filhos, é internamente forte e a mobiliza de modo intenso, mesmo que a realidade possua aspectos conflitantes com relação ao sonho.

Segundo MASSI, (1992), *“o dinheiro traz a independência na relação com o homem mas não a liberta do aprisionamento de suas interiorizações mais primitivas, que precisam ser encenadas na realidade, para daí serem talvez percebidas, entendidas e questionadas”.*

Na instituição universitária, a mãe-funcionária tem oportunidade de organizar-se melhor, equacionando seu tempo e disposição entre o trabalho e a orientação familiar. *“Aqui a gente tem hora de entrar e de sair, não é como lá em casa que o serviço não acaba nunca”.* (Ruth)

Perguntadas sobre sua relação com a filha, as mães-funcionárias acham que, a partir da puberdade, há um espaço maior para esclarecimentos sobre a experiência de ser mulher e que, embora não haja tempo para mais conversas, o relacionamento *“está sendo bom”* (Nilva). Havia anteriormente um tempo disponível para a convivência mãe-filha, o que deixou de existir quando tiveram que se separar das suas filhas pequenas para trabalhar, essa foi uma situação

muito difícil para muitas, e que, mais tarde, se configurou aceitável como uma resolução.

Uma delas conta: *"Eu trouxe a D. aqui na UNICAMP com... 8 anos de idade e agora ela já com 14... é... pra mim foi importante trazer ela comigo porque ficou... o dia todo aqui junto, estudava ou de manhã, ou à tarde. O outro período ficava aqui na sala junto comigo..."* (Cibele). *"Eu entrei na UNICAMP em 86, e foi muito difícil na época porque eu não tinha com quem deixar ela, né, ela ficava praticamente sozinha, porque ela ficava com a irmã de doze, então era muito difícil..."* (Celina)

O trabalhar fora proporciona uma sensação de liberdade, idéias próprias, o que traz uma segurança que até então elas não tinham experimentado. É essa a emancipação que ela quer que a filha conquiste em relação às obrigações domésticas.

As mulheres entrevistadas acham que o fato de ficarem pouco tempo com a família não modifica significativamente a qualidade da relação familiar. Elas já rebatem os argumentos baseados em valores impostos pela sociedade para o tradicional papel da mulher-mãe. Esses valores já não são tão significativos para elas conforme o depoimento: *"...Acho que influencia trabalhar. Tem mãe que fica em casa e a filha fica na rua..."* (Nilva)

As mulheres admitem que o trabalho possa interferir na relação com suas filhas, mas não a ponto de prejudicá-las no seu desenvolvimento. Elas associam a mulher que não trabalha à mulher que não recebe informação nenhuma. Acham

que não saberiam nem conversar sobre o desenvolvimento da sexualidade com suas filhas se não tivessem saído para trabalhar fora e convivido com outras mulheres no ambiente profissional. A idéia de realização profissional que trazem consigo está ligada à imagem de mulher que sabe mais da vida e que, portanto, sabe administrar melhor os papéis de mãe e de esposa.

... "Eles achavam que era o máximo a gente conversar aberto, perguntar, porque na casa deles se ele falar aquilo é... eles apanham, a mãe acha feio... nossa, falou pra D. Sua mãe é... é legal, né, a gente pode ver esses livros que a minha mãe acha que é pornográfico". (Cibele)

"Olha, pelo que eu percebi... as mães que eram mais novas os filhos já tinham mais facilidade de chegar e de conversar, as mais velhas é as que têm mais medo, elas são retraídas... três mães não trabalham... Eu acho que trabalhar fora ajuda". (Cibele)

"Aqui na UNICAMP foi... super importante, foi onde nós duas acabamos aprendendo a maior parte de... de sexo e... sobre AIDS, a gente aprendeu quase tudo aqui, porque eu tive filho muito nova, né". (Cibele)

Quando a menina vem com a mãe para a Universidade, ela passa a conviver com vários grupos, das mais variadas culturas, podendo identificar-se com pessoas fora do núcleo familiar. A Universidade passa a ser sua casa durante pelo menos dez horas por dia. É ali que ela vai construir sua identidade de gênero e representações dos papéis que vão orientar sua interação com o

mundo. *"Eu já acostumei ficá na UNICAMP, no fim de semana tudo fica esquisito, parece que o dia não passa..." (Celina)*

Os relatos sugeriram que as meninas assumiram as expectativas da mãe e da sociedade para desempenharem o papel feminino: maternidade, domesticidade, enfim, os estereótipos que lhe foram impostos desde muito cedo. Mais dentro de casa do que fora, brincando menos e trabalhando mais, as meninas vão se desenvolvendo na direção contrária da auto-afirmação pessoal, desestimuladas a forçar as circunstâncias para que as coisas aconteçam segundo seu desejo.

"... até a obsessão, as mulheres são formalmente perfeitas. Adequando-se desde meninas, são aplicadas o máximo possível às expectativas da mãe; a menina, desde cedo, vai tentar realizar todos seus sonhos. O condicionamento das mulheres para se colocarem prazerosamente a serviço dos homens começa cedo para dar bons frutos mais tarde". Na família, é precoce a modelagem, que se confirma depois, na escola. A necessidade de agradar permeia todas as suas ações. (BELOTTI, 1986)

A menina, em seu processo de socialização, deveria acatar uma série de discursos e regras contraditórias e ambíguas e submeter-se a elas. Embora ela receba a mesma educação de um menino, as mensagens de gênero para ele são mais claras e bem delimitadas. O menino deve aspirar a ser uma pessoa socialmente importante, é incentivado a sonhar com qualquer coisa e pode interessar-se por todas as atividades, exceto aquelas convencionadas como

femininas. Já para as meninas, as mensagens são dúbias; embora seja apregoado que elas têm as mesmas oportunidades que os meninos, a realidade pode assemelhar-se mais à idéia de que “uma mulher deve priorizar a dedicação ao outro, não deve brilhar mais que o seu parceiro... e não deve ser competitiva porque sua natureza é sensível”. (FASSA B., ECHENIQUE M., 1992)

“Menina, ela gosta de brincar de boneca, fazer bolinho de barro, sabe, acho que dá pra colocar assim... botar florzinha em cima... essa é a brincadeira dela... Eu dou incentivo, eu dou presente... Ela ficou muito, super contente com a calça e hoje eu deixei de escalada, fiz uma cartolina assim, preguei na porta da geladeira, assim, e tá escalado segunda, terça, quarta, quinta e sexta o que é pra fazer, porque ela fala comigo que esqueceu...” (Ruth)

Através das falas das entrevistadas, notamos que as filhas se percebem como a parte menos qualificada entre os gêneros e são pouco seguras do seu valor. Embora nossos sujeitos tenham a intenção de que suas filhas cresçam em suas histórias de vida, observamos, no decorrer das entrevistas, quando as mães-funcionárias falam de suas filhas, que estas meninas só mudam alguns referenciais, repetindo as mesmas histórias de suas mães. Há um momento em que a história da sexualidade da mãe vai ser retratada na história da filha e confundir-se com a dela. Ora ela se vê na história da filha, ora a filha se vê na sua história.

Algumas mães reconhecem que precisam selecionar as informações recebidas no ambiente profissional, para não passar para as filhas aquilo que realmente não aceitam.

"Não sei se a mulher que trabalha é mais esclarecida, trabalho com gente que teve uma vida e quer passar para os filhos outra vida. Não esclarece..."

(Maria)

"... Mas tenho que peneirar as coisas para levar para casa. Trabalho fora de casa, faz bem, faz mal. Tenho que estar bem consciente... e prestar atenção que nem tudo dá pra gente falar em casa..." (Diana)

5.3 - Um Novo Modelo Familiar: a Mãe/pai e os Filhos

"Pai e Mãe;

ouro de mina;

coração; desejo e sina. Tudo mais, pura rotina..."

Djavan

A análise dos conteúdos confirmou o que vem sendo tradicionalmente afirmado sobre o papel da mãe como reprodutora e do pai como provedor. Mesmo quando a mãe fala do seu trabalho e do quanto auxilia nas questões de sobrevivência, trabalhando fora de casa em dupla jornada, ela não está isenta da total responsabilidade de dar suporte afetivo para os filhos. Essa realidade é bem percebida pelas crianças, que raramente se opõem à saída do pai para o

trabalho, diferentemente da mãe, que permanece muitas vezes no seu trabalho como se estivesse roubando tempo, energia e afeto da família e dos filhos, "o que vai gerar na maioria das vezes, um enorme sentimento de culpa..." (BELOTTI, 1986). Embora essa culpa seja vista como uma questão superada para a mulher estudada, ela relatou momentos de crise em relação a seus filhos, tanto quando estão na idade infantil, como quando estão em idade adolescente.

É difícil para as mulheres se libertarem dos modelos que tiveram na sua socialização primária, onde o pai trabalhava fora e a mãe ficava em casa com os filhos.

O papel masculino é o de dar sustento e autoridade, mas acaba sendo passado também como tarefa da mãe. Isso se confirma no depoimento de Ester:

"Quando ele morreu, eu num tava sabendo me encontrar, eu achava que..., enquanto ele tava vivo, ele que era o problema... e se eliminasse aquele problema... eu tava errada, a minha mente tava errada."

Embora a figura da mãe esteja relacionada ao carinho e a do pai à autoridade, no decorrer da análise, observamos que as mulheres, ao admitirem a importância da figura masculina, referem-se também às necessidades emocionais. Quando ela estabelece uma relação formal, fica implícito que à mulher caberão as tarefas domésticas, enquanto que o homem proverá o sustento da nova família. A fala de Ester explicita que tal concepção está assimilada de tal forma que trabalhar fora, passando a sustentar a família com seus próprios rendimentos, acarretou uma sobrecarga de tarefas: "... eu sei que

o serviço da casa é meu, mas agora, trabalhando fora, alguém tem que ajudar, e homem não serve pra essas coisas, nem que ele estivesse em casa. Aí, se os meninos ajudam, tudo bem, se não, que hora que eu vou ensinar as coisas pra eles, que hora que eu limpo a casa, eu não posso faltar do trabalho, que é mais importante, é o meu ganha-pão. E também, eu quero me cuidá um pouco, entende, porque até que eu gosto de ser olhada quando vou trabalhá, no ônibus, na rua...” (Ester)

No caso de Ester, a figura masculina, agora apenas imaginada (pela ausência), tem um papel igual ao que tinha antes, quando era algo concreto.

Existem mulheres que usam modelos adaptativos para definir sua independência e autoridade familiar: os valores variam de acordo com o incluir ou excluir o homem da família, o que usam para definir-se frente aos filhos.

Investigando mais a fundo, as entrevistadas mostravam que o isolamento a que elas se condenam quanto à sua vida pessoal, tem, como pano de fundo, o medo de que o novo parceiro maltrate seus filhos ou que a relação com os filhos venha a se modificar daí por diante. Na verdade, elas tentaram, sim, novos relacionamentos, mas acabaram por não consolidá-los ou por abreviá-los, preferindo arcar sozinhas com a família que formaram.

“Minha mãe casou de novo com meu padrasto, e aí quando ia repartir alguma coisa, ele falava que primeiro tinha que dar as coisas pro filho dele. Eu acho que a mãe gostava dele, ela aceitava. E então, quando eu fiquei com o J., ele judiava da minha menina. Aí eu me fechei”. (Celina)

As características dos sistemas familiares analisados na vida das pesquisadas relacionam-se à instabilidade conjugal que constitui até uma estratégia para assegurar a estrutura doméstica, por mais paradoxal que isso possa parecer. Com freqüência, é a mulher que abandona o parceiro, é ela que, com apoio de sua família, se desliga de um companheiro "anti-econômico" eliminando um "peso morto" que teria que ser sustentado.

Tradicionalmente, o conhecimento sobre o desenvolvimento infantil e sobre a vida familiar está baseado na família "completa", isto é, marido, mulher e filhos.

A família divorciada tem sido encarada como uma variável, embora se saiba que ela seja uma forma cada vez mais comum de núcleo familiar, que não está se encaixando nas teorias psicológicas quando se busca explicá-las, pois as teorias partem dos pressupostos teóricos clássicos, que tinha um modelo de família como pai, mãe e filhos. É preciso desenvolver novas teoria, construindo um conhecimento que corresponda à nova realidade.

Se pensarmos de maneira positiva, esse novo núcleo familiar é um novo mundo, onde há a oportunidade de se corrigir os erros e sair à procura de oportunidades mais igualitárias para ambos os sexos. A mulher, hoje, pode rejeitar relacionamentos aviltantes, solitários, conflituosos e desprovidos de afeto. Não é mais obrigada a ficar presa a um relacionamento que não deu certo, diferentemente das mulheres das gerações anteriores, que muitas vezes tinham

no casamento uma instituição que atendia a uma necessidade econômica ou religiosa e para as quais o divórcio era considerado tabu.

Em meio a todas essas mudanças na estrutura familiar, como, para as mães-funcionárias, responder às necessidades psicológicas dos filhos na família?

Embora não seja este o tema de nosso estudo, está claro que as implicações oriundas das mudanças sofridas pelas mulheres refletem-se nitidamente em suas filhas. Assim, pode-se dizer que as novas estruturas familiares estão fora de sincronia com os modelos tradicionais os quais, segundo a expectativa dos familiares, suprem as necessidades emocionais. Embora as crianças necessitem dos pais e esses se proponham, em princípio, a manter boas relações com seus filhos, o relacionamento entre eles fica sempre comprometido quando há a separação da família.

"Ele apareceu, pegou a J. no colo, conversou com ela e prometeu, tinha um dinheiro no bolso, deu um dinheiro e prometeu que ia dar uma bicicleta e uma boneca. E não apareceu mais". (Celina)

"A J. não gostou quando ficamos só nós, sem o pai dela, no começo eu dei duro pra ela entender, acho que agora ela aceita um pouco, mas de vez em quando fala..." (Celina)

O que a pesquisa mostra é um novo núcleo familiar, composto de mães e filhos, em que a figura masculina aparece representada por diferentes pessoas, o que revela que as necessidades individuais se sobrepõem às da família. Há

muitas evidências de que o que pode ser bom para os pais pode não ser bom para os filhos. Os filhos não abandonam nunca a idéia de que os pais voltem a viver juntos, bem ou mal, os filhos precisam desta estrutura para sobreviver.

A adolescência é uma fase muito difícil tanto para mãe que não voltou a casar-se como para a filha. Todos os arranjos feitos até então são desfeitos quando a menina entra em novas fases de desenvolvimento ou a mãe assume um novo relacionamento. *"Agora as coisas tão mudando um pouco, a S. tem as amigas, ficam de segredinho, eu também tem hora que nem tudo eu posso dizer..." (Nilva)*

Enquanto entrevistava as mulheres, percebemos que embora tivessem tomado a iniciativa de separar-se, o término do casamento ainda lhes é assustador e faz com que tenham um sentimento de perda quanto à sua sexualidade. Quando chega o momento dessa mãe orientar sua filha adolescente quanto ao desenvolvimento da sexualidade, esse sentimento acaba surgindo. Suas fantasias refletem estes temores e sentimentos de solidão e perda do parceiro.

"Na verdade, um pouco de culpa é minha né, que,... eu num sô o que ele queria que eu fosse, eu sou eu e acabou, né. E, então... eu não escondo, nem da mais velha nem da mais nova; às vezes elas querem ficar contra ele, então eu digo que em primeiro lugar ele é o pai ..." (Nilva)

5.4 - Conversando Sobre o Desenvolvimento da Sexualidade

"Ao educador não cabe somente oferecer informações sexuais, mas sua tarefa principal é a de saber ouvir, de facilitar a expressão e inquietação do educando, de criar condições para que suas demandas reais possam ser explicitadas. E mais ainda, ter a sensibilidade necessária para compreender o que está "por trás" de cada demanda feita". (WEREBE, 1978, p.110)

O tipo de educação que as pessoas recebem determina suas atitudes, pensamentos e comportamentos nas mais diversas esferas da vida. Outras falas reforçam a influência marcante da educação recebida sobre as mulheres entrevistadas. Algumas mulheres afirmaram não terem sido orientadas pelas mães, nem mesmo sobre a ocorrência do período menstrual.

Quanto à educação sexual propriamente dita, notamos situações interessantes como no exemplo em que uma das entrevistadas diz: *"No meu tempo era feio falar dessas coisas, hoje a menina fala com a amiga dela, mas perto de mim não. Aí ela fica quieta. Parece que ela tem vergonha porque sou eu que estou perguntando. Justo agora que eu sei que é bom falar com os filhos, eu pergunto, e aí ela fica sem graça."* (Maria)

O grupo social a que essa mãe-funcionária pertence representa um segmento da sociedade no qual havia e ainda há a manutenção de uma moralidade rígida e no qual, portanto, assuntos ligados à sexualidade não eram livremente abordados. Dessa forma, as respostas que obtivemos neste item revelam uma ausência quase total de diálogo das entrevistadas com os pais

quanto a tudo que pudesse se relacionar com o sexo, talvez por provocarem questionamentos e demandarem mudanças.

Ficou claro que a menarca é percebida como o marco que determina a passagem da menina para a condição de mulher. A fase da primeira menstruação é associada principalmente às mudanças que ocorrem no próprio corpo e às limitações daí decorrentes, como as necessidade de controle nos comportamentos, sobretudo nos relacionamentos de namoro.

As mulheres tiveram grandes dificuldades na época em que menstruaram pela primeira vez e agora não querem que isso se repita com suas filhas.

“Quando eu fiquei menstruada, eu num sabia nem o que era isso né, aí... eu, quem me ensinou foi a professora de geografia, porque eu tinha vergonha da minha mãe, até hoje eu nunca falei com ela sobre isto, a gente... nem tem intimidade nenhuma porque ela num entrou nesta parte que eu acho que é importante, né, que é do corpo da gente e... e pra ela isso é mistério é segredo sei lá! É feio, então ficou... a gente fica distante uma da outra e... e... eu e a D. não, porque a gente conversa sobre isto, não tem segredo nenhum, não tem mistério; quando ela está menstruada, é... ela fica irritadinha e eu falo - ih! vai... não adianta nem discutir com você porque eu já sei como você tá, né”. (Cibele)

O condicionamento de traços de dependência e submissão que sofreram, associado a uma quase ausência de educação sexual, faz com que as mulheres enfrentassem de maneira traumática a primeira menstruação, o que poderia ser visto como parte das mudanças que ocorrem naturalmente com o corpo.

"Eu sofri muito quando fiquei moça, entendeu?... eu sou filha de pais muito tradicionais, pessoas muito recatadas, ninguém falava, num podia falar que era pecado, então eu cresci sem conhecer sexo, eu cresci sem saber que a gente ficava moça, que uma menina menstruava." (Ruth)

Embora, em termos gerais, a tendência atual é a de dar aos filhos uma educação sexual mais aberta, as mulheres que tiveram mães muito rigorosas procuraram dedicar-se mais ao esclarecimento de suas filhas adolescentes quanto ao desenvolvimento sexual. Observou-se que somente duas entrevistadas declararam ter recebido uma educação "mais aberta". Uma delas fez tal afirmação, mas completou dizendo que a mãe a orientava "por cima", o que pode significar que ela recebeu orientação de maneira superficial e deficitária. Observamos que informações pertinentes e dadas no momento certo, isto é, no momento em que a pessoa está reivindicando respostas e necessitando delas, podem, em muitos casos, corrigir conceitos inadequados sobre sexualidade que em geral causam desconfortos pessoais ou inadequações de comportamento. Já é possível, agora, ter diálogos com a filha sobre alguns temas relativos à sexualidade, porém antes de que essas questões tivessem se transformado em fatos concretos. *"...ela [a filha] ficou menstruada...faz um ano só, mas ela já sabia tudo porque a gente conversava..."* (Maria)

Esta entrevistada deixa entrever que costumava levar para casa alguma literatura a respeito da sexualidade e que acabou aprendendo também sobre temas em torno da sexualidade, quando diz: *"peguei todos os livros de*

adolescente que falava de sexo,... na escola pediram trabalho sobre Aids e...a gente pôde ver um monte de coisa que num sabia da Aids, né..." (Cibele)

O novo ambiente de Cibele lhe proporcionou algumas mudanças, desde quando passou a se informar mais sobre si mesma e sobre questões que nunca lhe foram reveladas em casa. Conferindo : "... e pra ela [avó], isso é mistério, é segredo, sei lá, é feio, a gente ficou distante... eu não tenho mais aquela timidez de antes, isso aí, é mais quando era mais nova. Ainda bem que eu consegui superar porque é horrível, porque [sexo] é uma coisa normal ".

Dessa forma, o simples fato de uma mulher receber informações em leituras e programas de divulgação de saúde faz com que ela possa transmití-los à filha, o que diminui significativamente o nível de ansiedade de ambas, e pode levar a comportamentos mais tranquilos e, portanto, mais satisfatórios entre elas.

Para NOVAK (1977), existe uma diferenciação entre instrução sexual e educação da sexualidade. Segundo ele, instrução sexual é estritamente científica e concreta, relacionando-se com anatomia e biologia da reprodução, incluindo a formação da família e os métodos anticoncepcionais. Enquanto que a educação da sexualidade inclui a ética, a moral, a fisiologia, a ciência política, a economia e tudo o que se relaciona ao conhecimento de si mesmo como um ser sexual e para o desenvolvimento de um relacionamento satisfatório com outros indivíduos.

A literatura consultada confirma as falas apresentadas nas entrevistas quanto à ausência de uma educação sexual formal. Esse tipo de educação representa quase nada no nosso sistema educacional e pouco para o

desenvolvimento emocional do indivíduo, uma vez que, quando existe, transmite somente noções básicas e elementos sobre a anatomia e funcionamento dos aparelhos genitais masculino e feminino.

Quando bons programas de orientação sexual são desenvolvidos, ainda parece ser fundamental, para a complementação da tarefa da escola, que as crianças e adolescentes conversem com seus pais sobre sexualidade, e que estes, através de uma maior observação do comportamento de seus filhos, percebam o quanto são capazes de transmitir intimidade, confiança e segurança.

A maioria das mulheres não recebeu orientação sexual adequada, o que fez com que chegassem ao casamento totalmente desinformadas, com total despreparo para suas experiências sexuais iniciais, o que tentam evitar na educação das filhas.

Como já dissemos, a mulher passa a se rever e a refletir sobre a sua feminilidade quando está diante dos problemas de adolescência da filha, que se repetem mais ou menos nos mesmos moldes dos que ela vivenciou em sua puberdade. É nessa hora que a mulher começa a se dar conta do quanto deixou para trás a satisfação da própria sexualidade, no envolvimento das obrigações decorrentes da mão-dupla lar-trabalho.

“Eu nem pensava mais nisso, tem coisas que eu já tinha esquecido e agora, com a T. assim, foi voltando tudo na minha cabeça e eu fiquei pensando... peguei um livro dela e fui dar uma olhada, meu Deus, como eu era tonta ...”

(Maria)

Para ALVES (1981), "o desconhecimento caracteriza-se como um dos elementos ideológicos que vêm configurar a identidade feminina. Ele é representado através dos sentimentos de medo, solidão, vergonha, conformismo, passividade e insegurança. Tais sentimentos atuam paralelamente às etapas da evolução do corpo da mulher e esse "não saber de si" faz com que todo um esquema de sujeição possa ser desenvolvido e interiorizado".

As propostas dos movimentos de mulheres sobre sexualidade enfatizam dois conceitos: emancipação e liberação, condições imprescindíveis para que a mulher possa ter domínio total da própria sexualidade. MASSI (1992) faz uma colocação quanto à importância de se melhorar a maternagem, a orientação às mulheres sobre sua vida sexual, assistência jurídica e psicológica, para que possam ter direito a uma vida sexual plena e baseada exclusivamente na livre escolha. Isso foi constatado pela análise das falas.

Em função dos preconceitos que ainda cerceiam o processo de transmissão de informações quanto à sexualidade, a descoberta dos primeiros sinais de excitação nas mulheres, bem como o exercício da sexualidade de um modo geral, são muito reprimidos, gerando inibição e outros sentimentos que dificultam sua adaptação posterior à vida sexual: "*Minha mãe quase nunca falou nada comigo, eu tento falar com minha filha mas tem hora que é meio chato, tem hora que é difícil falar...*" (Maria)

Falando sobre o desconhecimento da mulher a respeito de sua sexualidade e da forma como esse desconhecimento é utilizado pela nossa

sociedade, podemos reafirmar "que o silêncio, o ocultamento sobre a sexualidade é também um modelo da identificação feminina e, nele, o desconhecimento é visto como "natural", próprio dessa condição. Não se trata de indicar o silêncio enquanto ausência de um discurso sobre sexualidade e, sim, como forma específica de discurso, no qual essa sexualidade é dita através de metáforas, mitos ou formas eufemísticas de abordagem. Esse ocultamento é contraditório à função procriadora, essencial quando se pensa a mulher. Parece paradoxal que sua sexualidade seja silenciada e ocultada, quando está em jogo o cumprimento de seu papel social numa verdadeira "estratégia do silêncio", um dos meios pelos quais a sociedade exerce controle sobre seu corpo". (ALVES, 1981, p.29)

O papel das igrejas como estruturas sociais no controle sobre o corpo da mulher é algo de que não podemos esquecer. A conotação de pecado, de "coisa errada", de "coisa feia" no que se relaciona a sexo é transmitida principalmente às meninas. Isso ocorre desde a infância, refletindo-se posteriormente na vida adulta como um conjunto de interdições e de regras que constituem mais uma forma de repressão, gerando inibição e impedindo a mulher de vivenciar com prazer a própria sexualidade.

"Agora eu nem ligo mais, só que no começo, eu lembrava que quando era criança minha mãe falava que isso era coisa do demo, agora eu acho que é bobagem, mas às vezes me volta na cabeça..." (Ruth)

Para FOUCAULT (1984), "...a repressão sexual exercida pela censura, pelas proibições... na realidade é enganosa porque na nossa sociedade fala-se,

escuta-se e discute-se muito sobre sexo, mas num processo controlador novo, onde o potencial conscientizador que o sexo tem é cooptado pelas forças de poder, sejam as Políticas, as científicas ou as de consumo. O que parece ser libertador é na verdade controlador, recriando-se a hipótese repressiva. Na ciência sexual, é inseparável a relação poder-prazer. Há prazer em se ter poder sobre o sexo: vigiar, espiar, revelar, fiscalizar, regular, punir, premiar. Há poder em se ter prazer, escapar da fiscalização, da punição, resistir, transgredir, escandalizar..."

Nas mulheres pesquisadas, fantasias eróticas ficam reprimidas, pois, correspondendo à educação que tiveram na primeira família, muitas mulheres só se permitem pensar no seu corpo como um caminho para a maternidade. O prazer sexual é pensado de uma forma secundária.

A mulher investe toda sua libido na manutenção do lar, no cuidado com os filhos e na sua profissão. Sua individualidade se dilui nesse objetivo de modo tão forte e marcante que, depois de separadas do primeiro marido, a maioria das mulheres entrevistadas não se interessa por outros companheiros. Preferem estar sozinhas, ignorando suas necessidades sexuais.

"... não vou falar proê que eu não tenho vontade não. Nossa Senhora do céu, eu morro de vontade!... eu penso em deixar como tá, porque eu num vô tê corage, corage de transá eu num tenho. Embora a vontade, talvez, seja maior do que a corage, né, mas barra!... Ainda tem alguma coisinha lá do passado na minha cabeça, que barra, tem uma barreira aqui dentro." (Ruth)

Na maioria das falas, nossos sujeitos demonstraram muito medo de um envolvimento emocional novo, não querendo, de maneira nenhuma, colocar em risco a estabilidade e a autonomia conquistadas.

Um namoro representa um grande risco para elas e para a família, com prejuízos em termos financeiros e em termos morais. O medo do novo companheiro assediá-la ou o desconforto de ter que dividir o pouco espaço em que vivem com mais uma pessoa fazem com que essas mulheres ignorem sua própria sensibilidade erótica, desvalorizando o desejo de uma vida sexual ativa, refletindo uma falsa imagem de indiferença.

A idéia de que sua filha esteja se interessando pelo sexo oposto permanece, nas entrelinhas, como algo errado: *Se vocês 'caírem nessa', vocês vão arcar com as conseqüências porque tudo que eu tinha que falar, que prevenir, eu já falei...*" (Nilva) Essas mães não admitiram, em nenhum momento que suas filhas pudessem ter iniciado uma vida sexual.

Pelo que pudemos observar, não há um preparo da filha para um início de vida sexual ativa, que acontece sempre à revelia da mãe, a qual nunca supõe que o momento tenha chegado, embora se ache muito aberta para conversar sobre o desenvolvimento da sexualidade com a filha.

"Tem que ser alguém que ela goste muito, que vale a pena, que tenha respeito por ela (a filha)". (Celina)

As filhas adolescentes das mães-funcionárias desenvolvem uma dependência emocional diante das situações de separação dos pais. Pelos

relatos, as mães sugerem que estas parecem sentir orgulho quando ajudam na organização da casa, quando assumem responsabilidades e até quando tomam parte nas decisões importantes sobre a família. Algumas até ajudam a mãe a estabelecer regras para os irmãos mais novos. Suas responsabilidades e tarefas são aceitas como desafios, como o de ajudar no andamento da casa, tomar conta dos irmãos mais novos e cuidar para que sejam cumpridas as tarefas de rotina. Nessa interação, a mãe consegue uma ajudante e a filha desenvolve com orgulho a autoconfiança e as habilidades da vida.

"...a T. não, ela ficou contente quando aprendeu dobrar fralda, e lavava uma fralda branquinha que só vendo, quando o irmão era pequeno, dava papinha pra ele e tudo, até mandava nele e ensinava." (Ruth)

A interação se torna problemática quando algumas meninas são incapazes de se libertar dos sentimentos de amor e de culpa que a dependência criou. Elas acabam tendo dificuldade de participar do mundo formado por pessoas de sua própria idade, onde a atividade sexual é iniciada, porque temem enfrentar um modo de vida diferente de sua mãe, uma vez que são incapazes de expressar raiva e rebeldia. O medo de superar a própria mãe faz com que elas adiem a própria independência emocional. Sair de casa fica difícil porque a mãe avisa que ela não terá apoio nem auxílio da família: *"aí, eu falei pra ela, veja bem, S., se você fizer coisa errada, vai tê que se virá sozinha, tô avisando, porque eu não tenho como bancá..." (Nilva)*

É um desafio, com uma dimensão interna também difícil, ter que optar entre ajudar a mãe ou querer viver sua própria vida e ter suas experiências sexuais. Podemos observar que, na maioria das vezes, a filha tem que escolher entre as duas coisas. Quando cresce muito unida à mãe, poderá não ter coragem de decepcioná-la buscando um parceiro que lhe é mostrado como um perigo.

"Olha, se vocês caírem numa errada, eu vou ser sincera, eu vou deixar vocês pagarem pelo que vocês procuraram..., vocês podem riscar porque eu nem vou ter, eu nem vou dar apoio nenhum, entende? porque eu não posso ficar vinte e quatro horas com vocês, mas eu tô ensinando tudo o que é certo". (Nilva)

Para assumir uma relação de namoro ou uma vida sexual ativa, as meninas sabem que não poderão contar com o apoio da mãe, que, embora imagine que está orientando sua filha corretamente, não tem condições estruturais para arcar com uma situação que foge do seu domínio.

Qual seria para a mãe o momento certo para o início dessa vida sexual?

"Não, não é proibido namorar, porque se ela acha que gosta, que tá na hora de namorar. - - se valer a pena arriscar o futuro dela... Porque o futuro da gente tá no estudo, né?" (Celina)

Notamos, nessas mulheres, uma nítida consciência de que devem assumir as consequências de um possível prazer. Elas equacionam essa postura da seguinte forma: tantos prazeres, tantas responsabilidades.

Somente uma pequena população dessas mulheres interpreta sexo como sensação de regozijo e de prazer. Em seus discursos, o sexo, na maioria das

vezes, foi o causador de muitas frustrações e infelicidades. A necessidade de um companheiro trouxe uma vida sexual carregada de muitas dúvidas e inseguranças. O sexo deixou de ser uma fonte de prazer: "*Não quero mais saber de homem... Mas se você visse o moço, que lindeza, só que eu não quero saber de compromisso*". (Ruth)

O desejo imposto, a cobrança do prazer e o receio de não corresponder satisfatoriamente às necessidades do outro transformam a vivência sexual em momentos de desilusão.

"*Eu sou assim, sabe, então ele arrumou outra, ela trabalha com ele... Não gostaria de ser assim, ele diz que eu sou durona. As minhas filhas já me disseram...*" (Nilva)

O caso desta entrevistada e a fala de outras apontam que a mulher é quem trabalha, quem resolve tudo, porque o homem não consegue sustentar a casa sozinho e, no momento de decidir, ele deixa que ela o faça. Já na sua vida sexual do casal é diferente: ele espera a submissão da mulher, não podendo haver dúvidas quanto a quem propicia e quem goza o prazer, porque, para a maioria desse grupo, não há a idéia de troca.

"*Não converso meus problemas sexuais com meu companheiro. Ele nunca se interessa e depois, pra quê? Não vai resolver nada. Acho que só vou criar problemas. Ele vai ficar aborrecido e vai dizer que eu estou com novidade. Assim é melhor deixar como está*". (Cibele)

“Não é permitido um diálogo ou um desabafo. Um espaço asfixiado pelos ditames de uma cultura secularmente preconceituosa. Isolada com seus anseios, a mulher vai se convertendo em devaneios. Além de nunca ser consultada para a realização do ato sexual, ela finge o orgasmo na esperança de colaborar no prazer integral do companheiro. O prazer do outro em prejuízo do seu próprio prazer”. (QUINTAS, 1986 p. 179)

“Conheço muita gente como eu, eu não sou fria (como ele diz), gosto de carinho mas sem sexo. Esses homens não sabem fazer carinho... Esquecem da amizade. Me considero uma pessoa com muita saúde, frieza não é doença. É falta de vontade. Se fosse assim, a maioria das mulheres seria doente.” (Nilva)

Essas mulheres fazem de tal aceitação uma defesa, procurando um equilíbrio emocional. Não há, pois, como colocar a mulher na condição real de um ser fraco, mas o que se pode fazer é estudar seu comportamento em relação a ela própria, e delinear como ela consegue realizar seus objetivos, como ela lida com suas frustrações e como ela enfrenta o estar no mundo e a questão da sobrevivência, com as próprias características.

VI - O PERFIL DA MULHER HOJE: UMA IDEOLOGIA EM TRANSIÇÃO

"A ideologia não tem história, porque a operação ideológica por excelência consiste em permanecer na região daquilo que é sempre idêntico e na medida; fixando conteúdos, procura exorcizar aquilo que tornaria impossível o surgimento da própria ideologia: a história real é a compreensão de que o social e o político não cessam de instituir-se a cada passo ". (CHAUI, 1980 p.29)

Através deste estudo, pode-se dizer que efetivamente se evidenciaram algumas transformações que ocorrem na mulher-funcionária, a partir do momento em que ela é exposta a novas influências no ambiente profissional.

Essas transformações têm o mesmo efeito de uma pedra jogada num lago, formando círculos cada vez mais amplos. O discurso transformador que permeia o ambiente universitário as atinge, se estendendo além delas mesmas, alcançando o processo de interação com os filhos e com a família.

Pôde-se observar alguns dados evidentes de revisão interna da própria feminilidade quando a mulher transmite para a filha, na fase da menarca, os novos valores assimilados. Isso acontece à medida que ela começa um processo de interiorização dos conceitos adquiridos no ambiente universitário e do reflexo do seu espaço interno e externo.

O que verificamos foi que, através da educação, uma base de entendimento mútuo entre mãe e filha começa a se fundamentar, traduzindo o passado da mãe e projetando o futuro da filha. Quando a mãe fala de

sexualidade para a filha, ela fala de uma forma projetiva. A mãe tenta educar a filha dentro de um conceito cultural transformado, com promessas do novo, orientado a figura feminina mais para a autonomia e a realização profissional pessoal, não apenas respondendo às solicitações e desejos do outro.

Ao relacionar-se com a filha adolescente, no entanto, pudemos perceber como ainda está presente sua formação baseada em normas tradicionais da primeira família. A posição da mulher é ambivalente e contraditória. Depois de uma reavaliação, ela consegue se aproximar das dúvidas das filhas e até demonstra a flexibilidade de ir e vir entre o passado e o presente. As mulheres relatam que procuram inovar ao orientar suas filhas, mas acabam reproduzindo o modelo de mulher tradicionalmente romantizado pela sociedade.

Este é um ponto importante que surge a partir das representações projetadas nas respostas colhidas nos relatos, e nos revela a procura da superação de um modelo que, no entanto, persiste.

Um dos dados interessantes observados é o conjunto de valores e representações relativos à socialização primária e secundária, que convive contraditoriamente nesta mulher. Encontramos diferenças significativas nas informações dadas e recebidas quando as mães-funcionárias falam das três gerações (avó, mãe e filha), isto é, ao mesmo tempo em que as pesquisadas aparentemente assimilaram, compreenderam e aceitaram os estímulos oferecidos pelo ambiente universitário de trabalho, não introjetaram essas idéias e conceitos em profundidade, refletindo-os mais na fala do que propriamente nas atitudes.

Por um lado, "sabem", agora, que o estudar é importante; gostam da idéia de ter um *status* e uma profissão; preferem o trabalho profissional ao trabalho doméstico. Por outro lado, esse trabalho só é importante na medida em que lhes permite retomar a administração de suas casas e famílias.

Por um lado, as mulheres incentivam as filhas a estudarem, e, de outro, entendem que seus destinos se limitam ao casamento e filhos. O estudar parece ficar apenas como uma espécie de garantia para as filhas, caso os relacionamentos "não dêem certo".

O que podemos observar é um entrelaçamento nas posturas das mulheres, que parece constituir uma ideologia em transição. Após alguns anos passados dentro do ambiente universitário, elas detêm novos conhecimentos e valores, porém poucos desses valores são incorporados, pela própria impossibilidade de colocá-los em prática, mas as mulheres tentam transmiti-los às filhas pelo discurso verbal. Ao mesmo tempo, numa linguagem não-verbal, silenciosa, mas não menos forte, transmitem mensagens carregadas da educação repressora, recebida na primeira família.

Podemos dizer que o ambiente profissional foi fundamental no sentido de contribuir para a transformação das mulheres da pesquisa, ainda que nem todos os níveis de transformação sejam, a curto prazo, passíveis de serem observados. As transformações mais íntimas e profundas se dão a passos muito lentos, no ser humano, sobretudo se estiver ainda muito presente a força oriunda das tradições sociais e culturais, como no caso dessas mulheres.

Ao longo das entrevistas e quando procedíamos à análise e organização dos dados, deparamo-nos com todas essas novas configurações em relação à dinâmica feminina que instigam novos estudos.

Como sabemos que o tema é muito amplo e está muito longe de ser desvendado em definitivo, ficam as perguntas:

Quantas gerações serão necessárias para que as mulheres incorporem os novos valores, que o contato com a instituição universitária lhes propicia?

Teria a Universidade caminhos a sugerir para que essa incorporação ocorresse em um tempo menor? Poderia o ambiente universitário pensar oportunidades planejadas para o crescimento das mulheres, para acelerar o processo de assimilação do novo?

Para finalizar, gostaríamos de apontar a validade de uma revisão das teorias psicológicas de desenvolvimento, que sempre têm tomado como modelo familiar o triângulo pai, mãe e filhos. Talvez o modelo familiar discutido nesse trabalho possa ser útil nesse sentido.

VII - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANES, P.; DUBY, G. *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BELLOTTI, E.G. *Educar para a submissão: o descondicionalismo da mulher*. Petrópolis: Editora Vozes, 1981.
- BERELSON, B. *Content Analysis in communication Research*. N. York : Hartner Publ. Co, 1971.
- BERGER, P. & LUCKMANN, T. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.
- CARDOSO, I.A. *Mulher e trabalho: as discriminações e as barreiras no mercado de trabalho*. São Paulo: Cortez Editora, 1980.
- CHAUÍ, M. *Repressão sexual essa nossa desconhecida*. /s.n.t./.
- CHODOROW, N. *Psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher*. /s.n.t./.
- CONSTANTINE, L.L.; MARTINSON, M.F. *Sexualidade infantil: novos conceitos, novas perspectivas*. São Paulo: Livraria Roca, 1984.
- ECO, U. *Como se faz uma tese*. /s.l./: Editora Perspectiva, 1988.

ERIKSON, E. *Identidade : juventude e crise*. N. York : Norton, 1968.

FASSA, B.; ECHENIQUE, M. *Poder e amor: a micropolítica das relações*. São Paulo: Editora Aleph, 1992.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1980.

_____. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1984.

_____. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1985.

FRANCO, M.L.P.B. "*Estudo de caso*" no conflito que se estabelece entre análise quantitativa e análise qualitativa". São Paulo: EDUC, 1986.

FREUD, S. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1987.

FRIDAY, N. *Minha mãe meu modelo: uma filha em busca de sua identidade*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1977.

GARCIA, W. *Propostas educacionais das instruções de menores carentes do Estado de São Paulo*. Fundação Carlos Chagas, 1979.

GUIMARÃES, I.F.R. *Educação Sexual na Escola: Mito e Realidade*. Campinas, São Paulo: Editora Mercado das Letras, 1995.

- GOLDBERG, M.A. A.; FRANCO, M.L.P.B. *Inovação educacional: um projeto controlado por avaliação e pesquisa*. São Paulo: Cortez & Moraes: F.C. Chagas, 1980.
- HELLER, A. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1972.
- HITE, S. *As mulheres e o amor: O novo relatório Hite*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1992.
- _____. *O relatório Hite: um profundo estudo sobre a sexualidade feminina*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1978.
- LANGER, M. *Maternidade e sexo: estudo psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- LIGOFF, J.; EDIT, L. & P.M. *Recusa do prazer in Amor e sexualidade no ocidente*. *Is.II:/s.n.I.*, 1992.
- LUDKE, M.; MARLI, E.D.A.; ANDRÉ. *Abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MASSI, M. *Vida de mulheres: cotidiano e imaginário* *Is.II:* Ed. Imago, 1992.
- MATTA, R. *Relativizando: uma introdução a antropologia social*. Petrópolis: Editora Vozes, 1981.
- Mc CARY, J.L. *Mitos e crendices sexuais*. São Paulo: Editora Manole, 1978.
- MERLEAU-PONTY, M. *Em toda e em nenhuma parte: o filósofo e sua sombra*. *Is.n.t.I.*

_____. *O visível e o invisível*. França: Editora Perspectiva, 1964.

_____. *Signes*. França: Editora Gallimard, 1960.

MORAES, C.G.A. *Vida de casada*. Campinas: Editora Papyrus, 1985.

MORAES, M. L. *Quartim "Família e Feminismo"*. Cadernos de Pesquisa São Paulo, 1981.

MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1978.

NEVES, S.P. *Homem mulher e medo: metáforas da relação homem mulher*. Petrópolis Editora Vozes, 1986.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. *Mal estar na Família: descontinuidade e conflito entre sistemas simbólicos*. In: Figueira, S.A.(org.) *Cultura de Psicanálise*. São Paulo, Brasiliense, 1975.

_____. *Sujeito e Cotidiano: Um estudo da dimensão psicológica do social*. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1987

ORTIZ, R. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985

ORLANDI, E. *Formas do silêncio* São Paulo: Is.n./, 1992.

PIAGET, J. *Seis estudos de psicologia*. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1967.

PILETTI, N. *Psicologia educacional*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

PRADO, D. *O que é família*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

QUINTAS, F. *Sexo e Marginalidade*. São Paulo: Editora EPU, 1986.

RAPPORT, C.R. *Adolescência: a abordagem psicanalítica*. São Paulo: EPU, 1993.

ROCHA-COUTINHO, M.L. *Tecendo por trás dos panos a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

RODRIGUES, J.C. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Editora Dois Pontos, 1986.

ROMERA, M.L.C. *Considerações sobre aspectos psicológicos da gravidez, parto e puerpério na adolescência*. Dissertação (Mestrado), PUCC, 1985.

ROSEMBERG, F.; PIZA, E.P.; MONTENEGRO, T. *Mulher e educação formal no Brasil*. s.l.:s.n/, 1990.

SARTI, C.A. *A Família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas, São Paulo, Autores Associados, 1996.

SCAVONE, L. *As múltiplas faces da maternidade*. Cadernos de pesquisa. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1985.

SELIGMAN, M.E.P. *Desamparo sobre depressão, desenvolvimento e morte*. São Paulo: Hucitec, EDUSP, 1977.

- SILVA, T.R.N.; GUARIDA, E.L.; GRACIANO, M. *Estudos sobre estereótipos sexuais nas percepções dos pais em relação ao comportamento e atitudes de seus filhos*. Cadernos da Fundação Carlos Chagas, 1976.
- SOUZA LEITE, M.P. de. *A negação da fala*. Rio de Janeiro: Ed. Relume - Dumará, 1992.
- TANNAHIELL, R. *O sexo na história*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1983.
- TIGER, R. *A busca do prazer: a evolução dos sentidos na espécie humana*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1993.
- TUCKER, P.; MONEY, J. *Os papéis sexuais*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
- WALLERSTEIN, J. S. *Sonhos e realidade no divórcio: marido, mulher e filhos dez anos depois*. /s.l./l. Editora Saraiva, 1991.
- WOORTMANN, K. *Família de mulheres*. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro; Brasília: CNPq, 1987.
- _____. *A Família trabalhadora*. Ciências Sociais Hoje. São Paulo, ANPOCS/ Cortez, 1984.

VIII - ANEXOS - MODELO DO ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1ª parte

1. Função na Universidade
2. Idade da mãe-funcionária
3. Idade dos filhos
4. Estado civil
5. Escolaridade
6. Período em que teve os filhos na Universidade.

2ª parte

1. Desde quando vocês (mãe-funcionária e filhos) vêm juntos para a Universidade?
2. Em que horário e como isso acontece?
3. Quanto tempo vocês permanecem juntos durante a semana e no fim de semana?
4. Vocês dividem problemas, responsabilidades, alegrias, preocupações etc...?
5. Vocês já conversaram sobre drogas, aids, sexo, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez?

6. Esse tipo de conversa ocorre com frequência? Você acha que é suficiente?
7. Vocês saem juntos? Descreva como é o lazer de vocês.
8. Como é a figura do pai em casa? Ele convive com os filhos? Ele participa da dinâmica da casa?
9. Como seu filho vê seu companheiro ou marido?
10. Sobre o tema sexualidade, quais os pontos que são conversados entre vocês?
11. Quais os pontos em que você encontra maior dificuldade em estar conversando com seus filhos? E com sua filha?
12. Você fica preocupada com isso? Procurou alguém ou algum lugar para lhe ajudar?
13. Como você se sente quando conversa sobre esse assunto com seus filhos? É tranquilo?
14. O que ela questiona mais sobre o desenvolvimento da sexualidade?
15. Se esse assunto surge na escola, você dá continuidade em casa?
16. Qual a orientação que você recebeu na sua 1ª família? Foi dada pela mãe, parentes ou amigos?
17. O que você entende que é ser mulher?

18. Como foi quando você teve sua primeira menstruação?
19. Existe preconceito quando se fala sobre esse assunto?
20. Dentro do seu ambiente de trabalho, você encontra colegas que têm a mesma opinião sobre educação sexual?
21. Você acha que a TV influencia na educação de seus filhos?
22. Você acha que poderia ter alguma informação a mais, relacionada a esse assunto? Está interessada?
23. Você acha que a mulher que trabalha fora e ganha seu dinheiro tem maior esclarecimento para orientar seus filhos?
24. Como você vê o desenvolvimento da sexualidade da sua filha adolescente?
25. Até que ponto o fato de você trabalhar o dia todo afeta na sua relação com sua filha adolescente?

Estas perguntas foram feitas numa primeira etapa do trabalho, como uma sondagem, para que pudéssemos perceber de que maneira seria o encaminhamento para se chegar à segunda etapa, quando a entrevistadora apresentou uma única questão não diretiva, desta vez usando o gravador. Nesta fase, a pergunta foi: O que foi para você tornar-se mulher, mãe e profissional? Como você transmite essa idéia para sua filha?